



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA ESPANHOLA**

WELLINGTON CARLOS DE SOUSA SILVA

Entre Facundo e Os Sertões: uma aproximação literária

MONTEIRO-PB
2012

WELLINGTON CARLOS DE SOUSA SILVA

Entre *Facundo* e *Os Sertões*: uma aproximação literária

Monografia apresentada, sob a orientação do professor Dr. Márcio dos Santos Gomes, ao Curso de Licenciatura em Letras, do Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de licenciado em Letras – Habilitação em Língua Espanhola.

MONTEIRO-PB

2012

WELLINGTON CARLOS DE SOUSA SILVA

Entre o Facundo e os Sertões: uma aproximação literária

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL – CAMPUS VI

S586e SILVA, Wellington Carlos de Sousa.
Entre o Facundo e os Sertões: uma aproximação
literária/Wellington Carlos de Sousa Silva. – 2012.
50f.

TAO (Graduação em Letras com hab. em Língua
Espanhola). Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Exatas, Campus VI.

“Orientadora: Prof^o Dr. Márcio dos Santos Gomes,
UEPB, Campus VI.

1 Literatura Latino-Americana . 2. Domingos
Faustino Sarmiento .3. Euclides da Cunha . I. Título.

21. ed. CDD 860.9

BIBLIOTECA

2012

WELLINGTON CARLOS DE SOUSA SILVA

ENTRE *FACUNDO* E *OS SERTÕES*: UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA

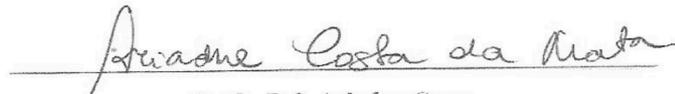
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura plena em Letras – Habilitação em Língua Espanhola, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Letras.

Aprovado em 02 de julho de 2012.

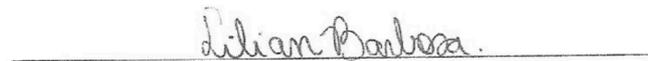
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes
Orientador/UEPB



Profa. Dr. Ariadne Costa
Examinadora/UEPB



Profa. Ms. Lilian Barbosa
Examinadora/UEPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que contribuíram direto ou indiretamente com minha vida acadêmica até a conclusão deste curso.

RESUMO

O presente trabalho realiza a comparação literária entre as obras *Facundo o Civilización y Barbarie en las pampas argentinas*, de Domingo Faustino Sarmiento e *Os Sertões* (campanha de Canudos), de Euclides da Cunha. A comparação se dá a partir de um tríptico eixo temático: a descrição do meio físico, a caracterização do camponês e a confrontação ou conflito entre a civilização *versus* a barbárie no contexto social. A aproximação literária dos textos foi embasada na pesquisa temática ou história temática, que se constrói sem necessitar ou abordar nenhum conceito de correlação entre obras em critérios de influência e/ou imitação entre os determinados autores. O trabalho procura descrever os pontos de similaridade/diferença entre as obras, buscando demonstrar que o tema da terra, do habitante do campo e da guerra social, tal como trabalhado pelos autores permite que sejam observadas duas formas diferentes de construir literatura: uma fundamentada no intelecto, na racionalidade, na abstração e outra mais empírica. Para isso, valemo-nos da concepção teórica de Saes, Benjamin, Nobeit Elias, Raymond Williams, entre outros autores.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura latina americana, Domingo Faustino Sarmiento, Euclides da Cunha.

RESUMEN

El presente trabajo realiza la comparación literaria entre las obras *Facundo o Civilización y Barbarie en las pampas argentinas*, de Domingo Faustino Sarmiento y *Os Sertões* (campanha de Canudos), de Euclides da Cunha. La comparación se da a partir de un triple eje temático: la descripción del medio físico, la caracterización del campesino y el conflicto o enfrentamiento entre la civilización *versus* barbárie en el contexto social. La aproximación literária de los textos fue basada en la pesquisa temática o história temática, que se construye sin necesitar o abordar ningun concepto de correlación entre las obras en criterios de influencia e/o imitación entre los determinados autores. El trabajo busca describir los puntos de similaridad/diferencia entre las obras, buscando demostrar que el tema de la tierra, del campesino y de la guerra social, tal como trabajados por los autores, permiten que sean observadas dos formas diferentes de contruir literatura : una fundamentada en el intelecto, en la racionalidad, en el abstracción y otra más empírica. Para eso, empecemos de la concepción teórica de Saes, Benjamin, Nobert Elias, Raymond Williams, entre otros autores.

PALABRAS-CLAVE: Literatura Sudamericana, Domingo Faustino Sarmiento, Euclides da Cunha.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A INTERTEXTUALIDADE ENTRE AS OBRAS: A IMPORTÂNCIA DO MEIO FÍSICO NA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS.....	13
1.1 O contraste na descrição imaginativa do espaço físico no Facundo, de Domingo Sarmiento.....	14
1.2 A descrição sensorial do espaço sertanejo nos Sertões.	20
2. O CONTRASTE DISCURSIVO ENTRE AS DUAS VISÕES SOBRE O CAMPESINO: UMA INTELLECTUAL E OUTRA EMPÍRICA.	25
2.1 O campesino para Sarmiento.....	Erro! Indicador não definido.
2.2 O campesino para Euclides.....	31
3. O ANTAGONISMO CONFLITANTE: A CIVILIZAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE.....	37
3.1 A Civilização/ Barbárie para Sarmiento no antagonismo pampa versus cidade.	39
3.2 O confronto entre as civilizações em Euclides e o confronto entre o litoral e o sertão. A divergência entre Facundo e Os Sertões.....	42
4.CONCLUSÃO.....	Erro! Indicador não definido.
5. REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

É bastante comum que o leitor, após a leitura de uma obra qualquer, identifique ou registre alguns traços de semelhanças entre essa obra e outra lida anteriormente. Essas semelhanças identificadas pelo leitor podem estar relacionadas aos personagens, acontecimentos, histórias e temas onde muitas vezes os escritores são de épocas diferentes, ou períodos distintos, mesmo assim as relações de semelhança ou diferença apresentam (ou não) influência entre a obra A sobre e a obra B.

O leitor sem nenhum conhecimento teórico, valendo-se apenas de sua fruição¹ subjetiva, do seu objeto de leitura estabelece elos com outra obra, em especial com aquelas de cunho literário, desprovidas de embasamento científico ou acadêmico. A comparação ou aproximação literária que o leitor estabelece entre duas ou mais obras, portanto a partir de sua impressão subjetiva sobre o objeto de leitura. Nasce dessa experiência a possibilidade de tratar das obras a partir da comparação.

De acordo com Souza (2007), a literatura comparada surgiu na Europa na primeira metade do século XIX, como uma ramificação da história da literatura. Enquanto esta se dedica tradicionalmente à averiguação das origens e do desenvolvimento de uma literatura nacional em particular, a literatura comparada se detém a estudar as (inter) relações entre a literatura nacional e estrangeira, buscando influências entre a literatura nacional em relação à tradição literária estrangeira. Em cada país em que se desenvolveu o estudo comparativo da literatura surgiram várias e diferentes vertentes de pesquisa. Por exemplo, na França a literatura é marcada pela busca por estabelecer relações de causalidade entre a obra A e a obra B, o que resulta numa desvalorização desta segunda em relação à primeira, devido à crítica genética dessa vertente; na Rússia, ela se caracteriza por conceber a literatura como produto social e procura (inter) relações entre os textos através de paráfrases, paródias e intertextualidades entre as obras; nos Estados Unidos, a literatura comparada, desprovida de doutrinas literárias e de preocupações nacionalistas, visa apenas à construção do(s) texto(s) e por fim, na Alemanha, a literatura comparada está voltada para a pesquisa temática de um ou mais temas em comum nas obras.

¹ Para Souza (2007) o leitor comum, sem o conhecimento teórico ou sem o uso de métodos de estudo ou de pesquisa literária, registra subjetivamente um julgamento de apreciação ou reprodução por um livro sem sistematizar seus conceitos: “interessante para os mais jovens” ou “monótono e cansativo, não oferecer nenhum atrativo para a leitura” entre outros.

A partir da leitura de Wellek (1990), podemos compreender que os estudos literários na segunda metade do século passado sofreram alterações em seus fundamentos metodológicos e em suas metodologias de pesquisa. E que a literatura comparada não foi excluída dessas mudanças e alterações no campo dos estudos literários. Segundo o autor, a concepção francesa era fatalista, pois priorizava uma causalidade entre as obras, originada em uma concepção pré-determinada, segundo a qual, onde um escritor teria conhecido ou lida a obra de outro antes de conceber a sua própria e devido a isso, existiria um paralelo de semelhanças com o primeiro texto. Descartando qualquer tipo de originalidade entre os autores e suas obras. Nessa concepção o trabalho comparativo fica limitado a explicações causais e relações de influências entre autores. Tal perspectiva tradicionalista não só comprometia o progresso nos estudos literários, assim como condicionava a literatura comparada a um casuísmo pré-estabelecido.

Ao argumento de Wellek podemos adicionar a de Zhirmunsky (1990) que defende que a literatura comparada não deve comprometer a singularidade do objeto de estudo, mas se deter aos pontos de similaridade e/ou de diferenças entre os objetos comparados. Dessa maneira, o estudo comparativo da literatura, para ser realizado, deve tomar como princípio básico que haja pontos de similaridade e de diferença entre as obras e que estes possam ser estabelecidos independentemente de uma possível relação de causalidade existente entre duas ou mais literaturas.

Escolhemos, do ponto de vista metodológico, a vertente alemã, para comparar as obras *Facundo o Civilización y Barbárie en las Pampas Argentinas*, do argentino Domingo Sarmiento com *Os Sertões*, do brasileiro Euclides da Cunha. Buscaremos explorar, nesse estudo comparativo das obras, os seguintes eixos temáticos: a) a descrição do meio físico nas obras; b) a caracterização do habitante do meio rural e, por fim, c) o conflito entre a civilização e barbárie no contexto nacional, na trilha do pensamento de Wellek e Zhirmunsky, ou seja, buscando aproximações e afastamentos, sem que necessitemos nos valer de relações de causalidade ou de filiação genética de uma obra à outra.

De acordo com Coutinho (2003), a pesquisa literária comparatista não deve estabelecer uma interrelação de influência ou de continuísmo entre o texto primeiro, sempre em desvantagem como o segundo, mas procurar estabelecer um diálogo intertextual entre os textos, buscando bases acadêmicas que justifiquem a diferenciação singular de cada obra em questão, justificando o(s) tema(s) como ponto de contato para a similaridade entre as obras.

Procuraremos, portanto, preservar a integridade e a singularidade de cada uma das obras, sem desprestigiar ou supervalorizar um texto em relação ao outro. Portanto,

realizaremos uma aproximação literária entre *Facundo* e *Os Sertões* a partir de um eixo temático específico que irá permitir construir um conhecimento realizado a partir do contraste de visões de mundo e de forma de fazer literatura.

Com o objetivo de comparar obras escritas com quase um século de diferença² procuraremos construir a leitura de ambas as obras a partir da seguinte hipótese: Domingo Sarmiento, em sua obra *Facundo* (1845), aborda o aspecto físico, o homem e a tensão social no pampa argentino no início do século XIX sem ter um contato prévio com o objeto, se valendo da abstração racional e especulativa. Já Euclides publica *Os Sertões* (1902), enfocando a geografia, o habitante e o conflito no sertão brasileiro do final do século XIX, valendo-se da sua experiência empírica. Portanto de sua experiência como correspondente de guerra no conflito armado.

É dessa maneira que procuraremos questões comuns entre as obras e não possíveis ou eventuais interrelações e/ou correlações de causalidade, de influência ou muito menos de imitação entre as obras, já exaustivamente exploradas em outros textos e pesquisas³ anteriores a esse projeto.

Orientar-nos-emos por textos comparativos de escritores nacionais e estrangeiros como *Civilização e Barbárie n'os Sertões*: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha (2001), de Miriam Gárate; *La ciudad Letrada* (1998), de Ángel Rama, e nos artigos “A barbárie: antítese ou elemento da civilização? Do *Facundo* de Sarmiento a *Os Sertões* de Euclides da Cunha” (2001), de Berthold Zilly e “Os Sertões e *Facundo*: Duplos” (2011), de Josalba Fabiana dos Santos, que permitem que se realize uma leitura interdialogada entre *Facundo* e *Os Sertões* sem desprestigiar os autores e sua singularidade.

Com a finalidade de percorrer os três pontos do nosso eixo temático, no intuito de provar a hipótese de que um ator cria a partir da razão e outro a partir da observação. Dessa maneira, procuraremos do ponto de vista estrutural apresentar nossa pesquisa temática em três capítulos.

No primeiro capítulo, assinalaremos a necessidade dos autores de delimitar geograficamente os espaços ou meios físicos nos quais se processaram os conflitos armados em seus

² Domingo Sarmiento publicou *Facundo* em 1845, e Euclides, em 1902, *Os Sertões*.

³ De acordo com Gárate (2001), a pesquisa comparada brasileira, em sua maioria, optou inicialmente por uma crítica de filiação genética em torno das obras de Sarmiento e Euclides, buscando comprovar uma possível influência de uma obra sobre a outra. No primeiro grupo, estão escritores e críticos, como Monteiro Lobato que afirmam um intercâmbio entre *Facundo* e *Os Sertões*, baseando-se na obra euclidiana *À Margem da História* (1909). Lobato afirma ali afirma Euclides que leu o *Facundo*. No segundo grupo, estão aqueles que afirmam que a originalidade e a integridade do texto de Euclides da Cunha não devem ser questionadas por estudos comparativistas causais, dentre eles se destacam João Pinto da Silva (1927), autor de *Euclides e Sarmiento*, e Francisco Escobar (1940), autor de *À glória de Euclides da Cunha*.

respectivos países. Observaremos, em detalhe, que a construção do que chamamos de “meio físico” difere entre os autores. Em Sarmiento, privilegia-se a leitura exploratória de monografias e obras de literatura sobre o pampa. Em Euclides, a experiência participante do escritor brasileiro é o principal instrumento para a construção de sua descrição. Contribuem aqui os textos *Percepção e Imaginação* (2010), de Silvia Faustino de Assis Saes e artigos acadêmicos sobre a descrição do espaço poético na literatura.

No segundo capítulo, trataremos de representação do campestre nas obras, considerando a particularidade do habitante do campo em cada obra. Observaremos que no *Facundo* ressoa a figura do gaúcho do século XIX, enquanto nos *Sertões*, o sertanejo do final do século XIX. Cada uma das caracterizações do camponês é construída a partir de recursos específicos que denotam a forma de conceber a escrita literária dos autores. Sarmiento faz uso da paráfrase, da generalização e do decalque de outros textos, em seu esforço da abstração e racionalidade ao definir o homem. Euclides, por sua vez, vale-se da descrição subjetiva emocionada do homem que observa no sertão. Contribuem para a construção desse capítulo, em especial, os trabalhos de Almeida (1999), Sousa (2009), Borello (2007), Fernández (1998), Hozen (2007), Jácome (2007) entre outros.

No terceiro e último capítulo da análise comparativa temática trataremos da oposição civilização *versus* barbárie a partir da analogia desse par comparativo com os conceitos de urbano *versus* rural. Do ponto de vista teórico, a discussão será conduzida a partir dos argumentos apresentados por *O Processo Civilizador* (1990), de Norbert Elias e *Cidade e campo* (1989), de Raymond Williams, com o propósito de esboçar os conceitos de *civilização* e *barbárie* que são discutidos nas obras, segundo a singularidade de cada autor. O que procuraremos demonstrar é que o conceito e propósito da “civilização” pode ser diferente em cada obra devido à posição do autor e, desse modo, consequentemente, também o conceito de “barbárie” pode alterar-se na medida em que o ideal de civilização seja alterado.

1. A INTERTEXTUALIDADE ENTRE AS OBRAS: A IMPORTÂNCIA DO MEIO FÍSICO NA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS

Trataremos aqui do primeiro ponto da nossa pesquisa temática em literatura comparada: a descrição do meio físico. Para realizamos tal comparação temática sobre as obras vamos nos amparar, primeiramente, da pesquisa comparativa brasileira de Josalva Santos, autora de *Sertões e Facundo: Duplos* (2011), que versa a respeito das possíveis (inter) relações e intertextualidade nas obras do argentino Domingo Faustino Sarmiento e do brasileiro Euclides da Cunha.

Segundo Santos (2011), é possível observar elementos de intertextualidade entre as obras *Facundo o Civilización o Barbarie en las pampas argentinas*, de Domingo Sarmiento e *Os sertões: campanha de Canudos*, de Euclides da Cunha, a partir das semelhanças que leitor observa em tais obras. De acordo com o argumento de Santos, a intertextualidade, a relação de similaridade entre dois textos distintos ocorreria durante o ato de leitura. Dessa maneira, a relação intertextual é uma potencialidade validada ou não validada pela recepção do leitor, na medida em que conseguir, portanto, perceber a repetição de uma ou mais de uma temática de um texto sobre o outro texto. Essa propagação revela uma duplicidade diferencial entre os textos, pois, não importa qual texto foi escrito primeiro já que o leitor recordará que a leitura de um pode remeter ao outro, sem que haja uma perda de originalidade entre ambos escritos. Em outras palavras, segunda a autora, a relação de intertextualidade ocorre devido a uma multiplicação de temas em textos diferentes na medida em que um se repete no outro automaticamente (pois existem possíveis correlatos em suas repetições no ato de leitura). Um leitor conhecedor da obra de Euclides da Cunha poderá relacionar pontos de contato entre ela e a obra do argentino Sarmiento ao ler pela primeira vez o *Facundo* e vice-versa e, dessa maneira, construir uma relação intertextual a partir de seu ato de leitura.

Elegendo como método esse argumento que versa a respeito da construção das relações de intertextualidade proposto por Santos nas obras de Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha, procuraremos nesse primeiro capítulo do nosso trabalho, apresentar a nossa leitura das obras, elegendo como elemento privilegiado de nossa leitura a descrição do espaço físico a onde acontecerão os eventos históricos narrados em ambas as obras.

De acordo com Gama-Khalil (2009), o espaço físico descrito nas obras literárias foi muitas vezes colocado de lado das discussões crítico-literário, apesar de ser justamente no

espaço onde a narração, o enredo, as personagens e o tempo sucedem e se tornam visíveis para o/a leitor (a). Assim sendo, o espaço fornece não só o suporte imprescindível para outros elementos, mas também é um desses subsídios a ser analisado e interpretado pela pesquisa literária.

Valendo-nos desse tema a respeito da necessidade de analisar o espaço físico na obra literária, analisaremos a descrição do espaço nas distintas obras como primeiro ponto do nosso eixo temático comparativo, com o intuito de fazer uma aproximação literária entre *Facundo* e *Os Sertões*, pela similaridade, na necessidade singular dos autores ao descrever o espaço e pela diferença na maneira encontrada por cada escritor de narrar o espaço físico nas obras.

1.1 O contraste na descrição imaginativa do espaço físico no *Facundo*, de Domingo Sarmiento.

No *Facundo*, o espaço descrito é o pampa argentino da primeira metade do século XIX, enquanto nos *Sertões* o ambiente retratado é o sertão brasileiro do final século XIX. Em Sarmiento, encontramos a seguinte descrição do espaço argentino:

O continente americano termina ao Sul, em uma ponta em cuja extremidade se forma o Estreito de Magalhães. Ao Oeste, e a curta distância do Pacífico, se estendem, paralelos à costa, os Andes chilenos (...) o mal que aflige a República Argentina é a extensão: o deserto a cerca por todas as partes e se insinua nas entranhas; a solidão, o despovoado sem uma habitação humana, são, em geral, os limites inquestionáveis entre umas e outras províncias. Ali a imensidade por todas as partes: imensa a planície, imensos os bosques, imensos os rios, o horizonte sempre incerto, sempre confundindo com a terra entre lajes e vapores tênues que não deixam na distante perspectiva, assinalar o ponto em que o mundo acaba e principia o céu (...). Ao Norte, confundindo-se com o Chaco, um espesso bosque cobre com sua impenetrável ramagem extensões que chamaríamos inauditas, se em formas colossais houvesse nada inaudito em toda a extensão da América. Ao centro, e em zona paralela, se disputam em largo tempo o terreno, a pampa e a selva; domina em partes o bosque; se degrada em matagais enfermos e espinhosos; apresentando-se de novo a selva a mercê de algum rio, que a favorece, até que, ao fim, ao Sul, triunfa o pampa e ostenta sua lisa e aveludada frente, infinita, sem limites conhecidos, sem acidente notável: é a imagem do mar na terra, a terra como no mapa ; a terra aguardando ainda que se a mandem produzir as plantas e toda classe de semente⁴ (SARMIENTO, 2007, p. 39 - 41)⁵.

⁴ Todas as citações diretas de *O Facundo* são nossas traduções, assim como todos os grifos. Nas notas de rodapé estão as indicações das citações em língua original.

⁵ El continente americano termina al Sur, en una punta en cuya extremidad se forma el Estrecho de Magallanes. Al Oeste, y a corta distancia del Pacífico, se extienden paralelos a la costa, los Andes chilenos (...) El mal que

Paralelamente a isso, na obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, nos deparamos com uma delimitação e apresentação do seu espaço físico sertanejo da seguinte maneira:

O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande a Minas. Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo em que descamba para a costa oriental em andares, ou repetidos socalcos, (...) estiram-se então planuras vastas. Galgando-as pelos taludes, que as soerguem dando-lhes a aparência exata de *tabuleiros* suspensos, topam-se, a centenas de metros, extensas áreas ampliando-se, mares. É a paragem formosíssima dos *campos gerais*, expandida em chapadões ondulantes- grandes tablados onde campeia a sociedade rude dos vaqueiros (...) abordando-o, compreende-se que até hoje escasseiam sobre tão grande trato de território, que quase abarcaria a Holanda (...) lá têm um claro expressivo, hiato, *Terra Ignota*, em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras (CUNHA, 2009, p.23-37).

Os espaços distintos descritos nos respectivos livros guardam relação com eventos políticos peculiares em cada país. No *Facundo*, a representação do espaço produto de um evento histórico, pois fora constituído logo depois da independência da Argentina e nisso ele se assemelha aos *Sertões*, uma vez que, o espaço sertanejo representado foi composto nos primeiros anos após a proclamação da república brasileira. Tais espaços descritos eram até então pouco conhecidos, por ambas as sociedades letradas, e os autores viram ali a possibilidade de explorá-los e ocupa-los em toda sua extensão.

No *Facundo*, o efeito que o espaço desencadeia no narrador é diferente e percebemos a descrição de um espaço vazio em sua extensão (o pampa), o que aparece como aterrador e fascinante pelo seu aspecto aos olhos de Sarmiento. Nos *Sertões*, por sua vez, observa-se uma exposição de uma paisagem ignota e extraordinária (o sertão) em sua vastidão, que arrebatou o vislumbre de Euclides durante sua narração.

aqueja a la República Argentina es la extensión: el desierto la rodea por todas partes y se le insinúa en las entrañas; la soledad, el despoblado sin una habitación humana, son por lo general, los límites incuestionables entre unas y otras provincias. Allí la inmensidad por todas partes: inmensa la llanura, inmensos los bosques, inmensos los ríos, el horizonte siempre incierto, siempre confundiéndose con la tierra entre celajes y vapores tenues que no dejan en la lejana perspectiva, señalar el punto en que el mundo acaba y principia el cielo (...) Al Norte, confundiéndose con el Chaco, un espeso bosque cubre con su impenetrable ramaje extensiones que llamaríamos inauditas, si en formas colosales hubiese nada inaudito en toda la extensión de la América. Al centro, y en una zona paralela, se disputan largo tiempo el terreno, la pampa y la selva; domina en partes el bosque; se degrada en matorrales enfermizos y espinosos; preséntase de nuevo la selva a merced de algún río que la favorece, hasta que, al fin, al Sur, triunfa la pampa y ostenta su lisa y velluda frente, infinita, sin límite conocido, sin accidente notable: es la imagen del mar en la tierra, la tierra como en el mapa; la tierra aguardando todavía que se la mande producir las plantas y toda clase de simiente (SARMIENTO, 2007, p. 39 – 41).

Em ambas as obras, nota-se uma necessidade apresentação inicial do espaço, e em seguida, uma delimitação do mesmo, para depois explorá-lo discursivamente para o leitor, para então iniciar-se a narração dos fatos que ocorreram em tais lugares, uma vez que se pressupõe que esse não esteja familiarizado com espaços não urbanos. Esse esmero pela descrição e análise do ambiente revela que, para ambos os autores, a apresentação de condições físicas pode influenciar os resultados das ações que lá acontecem, principalmente quando elas dificultam a ocupação humana. Além disso, o destaque inicial dado ao meio físico deve ser interpretado a partir do fato de que lhes parece ser o espaço um agente vivo capaz de contribuir para a narração.

De acordo com a concepção de Garáte (2001), o enfoque inicial de Sarmiento sobre a terra representa uma forma de descrever sucintamente um espaço imutável que cerca quase todas as cidades argentinas durante o século XIX. Isso se explica, para a autora, pelo fato de na obra não haver notas explicativas sobre suas particularidades climáticas e físicas do pampa do início do século XIX, muito embora nem o próprio Sarmiento conhecesse o pampa argentino ao escrever o *Facundo* em 1845, durante seu exílio no Chile. Somente, sete anos depois, com sua volta a Argentina durante campanha militar no interior da Argentina.

Se compararmos a descrição do espaço por Sarmiento, com a descrição realizada por Euclides, notaremos uma diferença em termos de grandeza. Nos *Sertões* abundam informações científicas que tomam aproximadamente quarenta páginas do romance com a descrição das características peculiares e gerais do espaço sertanejo, sua fauna, sua flora, seu índice pluviométrico, seu relevo, seu clima, sua hidrografia e a forma de sua ocupação humana ao longo dos séculos. Isso se deve no fato de Euclides ter permanecido alguns meses durante o conflito armado no sertão de Canudos na qualidade de correspondente de guerra para um jornal, para depois, no término do conflito, publicar *Os Sertões* (1902) com relatos e descrições feitos durante o evento. Essa estada em Canudos permitiu que o autor vivenciasse uma série de eventos e reunisse uma série de informações a respeito do espaço à por ele habitado.

Mediante essa observação, podemos propor a seguinte questão: como é possível dar credibilidade a um escritor que não conhece fisicamente o espaço que apresenta em seu livro? Ou ainda, como é possível estabelecer uma relação entre um escritor que habitou o espaço que descreve com outro escritor que nunca habitou aquele espaço? As respostas para estas indagações não nos oferecerão a possibilidade de descartar a credibilidade de nenhum dos autores, mas contribuirão para uma compreensão sobre a importância do meio físico na vida do homem que o ocupa.

Segundo Barbieri (2009), existe a possibilidade do escritor em arquitetar/construir uma representação ou ambientação simbólica do espaço a partir de sua subjetividade, a partir, portanto, de um modelo abstrato e intelectual, uma vez que a subjetividade do escritor, no exercício de sua livre imaginação, possui a capacidade de interpretar os aspectos físico-geográficos de um determinado espaço histórico qualquer e de transformá-lo em um espaço ficcional verossímil pelos leitores. Nesse sentido, a descrição do espaço deixa de ser uma atividade passiva ocorrida durante uma (re) construção, que surge como pano de fundo durante a narração dos acontecimentos na trama e torna-se elemento ativo, em constituição, uma vez que o espaço vai sendo construído sob olhos do escritor. Nesse sentido de espaço visto como elemento ativo da criação subjetiva, ele passa a articular-se com outros elementos formais na composição da obra, como, por exemplo, a narração, o enredo e o personagem.

Se aplicamos o argumento de Barbieri à construção do espaço literário na obra o *Facundo*, podemos observar, que mesmo sem conhecer, o pampa argentino Sarmiento pode arquitetar subjetivamente sua circunscrição do espaço físico. Os dados a respeito de sua posterior ocupação, uma vez que não devem ser necessariamente criados pela imaginação, puderam ser reunidos pelo autor de outras fontes, como por exemplo, da leitura de outros textos, como os relatos escritos pelo explorador europeu Alexander Von Humboldt⁶ (1769-1859). Sarmiento delinea, portanto, o que pode ser entendido como um espaço literário verossímil e que ocuparia o lugar do próprio pampa argentino real, no entanto construído pela subjetividade criativa do escritor.

De acordo com Alto (2003), o método de Domingo Sarmiento consiste na tentativa de circunscrever o continente sul-americano e, por seguinte, circunscrever e delimitar o próprio lugar da nação argentina desse contexto. Dessa maneira, o autor vê a necessidade de escolher, delimitar e traçar o espaço como ponto de partida para a sua historiografia, tomando para essa tarefa diferentes monografias escritas e ensaios registrados por diferentes viajantes e exploradores da América Latina, na tentativa de explicar a história de sua nação ou pelo menos uma versão verossímil e própria da história de seu país. Assim sendo, com a intenção de estabelecer as fronteiras territoriais de seu país para explicar sua história e seus aspectos culturais, Sarmiento consulta documentos e escritos anteriores para produzir sua representação espacial do pampa fundada em modelos e descrições contidas em livros e estudos científicos e conferir a essa história, portanto certo ar de veracidade.

⁶ Sarmiento cita Humboldt, *Facundo* no capítulo II, página 57.

Para Sarmiento, a descrição subjetiva do pampa físico e natural por meio da criação de espaço ficcional a ser interpretado e explorado discursivamente e esteticamente tem relação com a vontade e a intenção particular do escritor – que tinha como pretensões políticas “(...) nada menos que sua candidatura à presidência da República” (GARÁTE, 2001, p.92). Além disso, o fato de estar distante da sua pátria, Sarmiento se vale de escritos poéticos sobre o pampa como *La Cautiva*, de Echeverría, que estava exilado por motivos políticos.

O espaço literário definido por Sarmiento na obra possui sentido particular e individual e guarda relação com seu projeto político. Isso é o que justifica a posição do escritor argentino a respeito da geografia deserta de uma parte de sua nação e seu possível futuro projeto político para seu país.

Portanto, tratando-se, de vencer um território aparentemente sem limites presumidos ou limites invisíveis na sua ótica, constituído de um “território despovoado”, “o mal de toda República Argentina” e, portanto de um obstáculo a ser sobrepujado e ocupado, de onde esperar-se “produzir as plantas e toda classe de semente” para futura tarefa que estar por vir e que deverá suprimir tudo aquilo que prejudica o desenvolvimento e organização de uma República Argentina do início do século XIX.

Seja então, por conseqüência de sua ignorância sobre o pampa ou por seu distanciamento do mesmo, temos aqui um elemento que diferencia Sarmiento do seu colega brasileiro, “Sarmiento redige *Facundo* porque está longe da pátria; Euclides da Cunha, *Os Sertões*, porque esteve muito perto da pátria ignota” (GARÁTE, 2001, p. 27). Por conseqüência, temos também o motivo que leva um autor a descrever valendo-se da abstração construída a partir de estudos sobre o espaço desconhecido e o outro a partir da experiência vivida com o meio descrito.

Outro fator particular com relação ao modo de procedimento de construção da narrativa por Sarmiento é a realização de analogias literárias, como no seguinte trecho em comparação com o Oriente:

A extensão das planícies imprime á vida do interior certa matiz asiático que não deixa de ser bem pronunciado. Muitas vezes, ao ver sair à lua tranqüila e resplandecente por entre os verdes da terra (...). E, com efeito, há algo nas soledades argentinas que traz à memória as soledades asiáticas; alguma analogia encontra o espírito entre o pampa e as planícies que medeiam entre o Tigris e o Eufrates; Algum parentesco entre a tropa solitária se carretas que cruza nossos descampados para chegar, ao fim de uma de meses, a Bueno

Aires, e a caravana de camelos que se dirige até Bagdá ou Esmirna⁷
(SARMIENTO, 2007, p.44-45).

As analogias do *Facundo* representam uma possibilidade de reconstrução de um espaço literário divorciado do espaço urbano e, conseqüentemente, alheio a maioria dos leitores da sua época, mas não inverossímil para ser descrito e interpretado no contexto literário, pois “os espaços são vividos em sua realidade e em sua virtualidade” (KUKUL, 2009, p.75). O espaço literário aqui descrito não representa uma cópia fiel da realidade, mas, sobretudo, uma representação subjetiva, uma expressão da ótica do autor. Isso fica claro em outro momento da obra. No capítulo seis, Domingo Sarmiento compara a província argentina *La Rioja* com a paisagem estéril e desértica da Palestina. A analogia se dá, pois ambos os espaços possuem um clima desolado e quente, o terreno seco e árido, o baixo índice pluviométrico, a escassez dos recursos hídricos, a vegetação pobre e escassa, somente propicia para o pastoreio e os habitantes resignados a condições agrestes e desfavoráveis à vida, relegados à dependência de poucas regiões que oferecem escassos recursos hídricos, localizados perto de algumas regiões montanhosas e inóspitas.

O texto de Sarmiento oferece uma descrição do ambiente físico eivada de adjetivos, de cargas valorativas realizadas pela subjetividade, pela imaginação e pela criação fantástica, em outras palavras, a descrição ocorre devido ao fato de haver aqui um julgamento intelectual valorativo do espaço e não devido uma experiência sensorial, que Sarmiento não teve a oportunidade de desfrutar.

Ao esclarecer sobre o conceito de Wittgenstein sobre a imaginação, Saes (2010) assinala que a capacidade de imaginar está relacionada com um ato intelectual, pois podemos imaginar um objeto sem necessariamente tê-los diante de nossos sentidos valendo-nos apenas da sua expressão por meio da linguagem. Segundo o ponto de vista wittgensteiniano, pelo uso da linguagem pode-se expressar o objeto imaginado, sem necessariamente experimentá-lo empiricamente: “(...) mesmo que eu diga que aquilo que imagino está diante de minha mente, terei de exteriorizar, comunicar, relatar ou descrever aquilo que estou imaginando” (SAES, 2010, p.51-52).

⁷ Esta extensión de las llanuras imprime, por otra parte, a la vida del interior, cierta tintura asiática que no deja de ser bien pronunciada. Muchas veces, al ver salir la luna tranquila y resplandeciente por entre las hierbas de la tierra (...) Y, en efecto, hay algo en las soledades argentinas que trae a la memoria las soledades asiáticas; alguna analogía encuentra el espíritu entre la pampa y las llanuras que median entre el Tigris y el Éufrates; algún parentesco en la tropa de carretas solitaria, que cruza nuestras soledades para llegar al fin de una marcha de meses a Buenos Aires, y la caravana de camellos que se dirige hacia Bagdad o Esmirna (SARMIENTO, 2007, p.44-45).

1.2 A descrição sensorial do espaço sertanejo nos *Sertões*.

O fator que diferencia a descrição de Euclides da Cunha do espaço da descrição de Sarmiento é justamente o fato de o autor brasileiro ter tido a oportunidade de conhecer, previamente, o espaço físico antes de narrá-lo. Durante a Guerra de Canudos, com o objetivo profissional de acompanhar o conflito armado, Euclides viaja para interior da Bahia no final século XIX, onde entra em contato com um novo espaço físico: o Sertão.

Para Melo e Sousa (2009), o texto de Euclides apresenta uma particularidade interdiscursiva que esboça sua característica dialética uma vez que conjuga rigor do texto científico com a linguagem poética. Segundo o Souza, o “consórcio da ciência e da arte” na obra *Os Sertões* abrange um pluralidade discursiva (geografia, geologia, botânica, topografia, poesia, história e literatura) que desmitifica a sua suposta postura predominantemente científica devido a um possível emprego excessivo do objetivismo científico. Segundo o autor, o texto de Euclides abre espaço para uma abordagem multiperspectivista, na qual a reconstrução do espaço narrado não ocorre devido somente a uma experiência racional entre o sujeito e o objeto, mas também a uma experiência emocional do sujeito e seu objeto. Dessa maneira, o escritor passa a explorar toda a potencialidade estética do objeto, sem descartar sua análise científica.

Pode-se observar que não existe uma separação clara no texto euclidiano entre ciência e poesia, no que se refere à delimitação e exposição do seu espaço do sertão, sobre o qual o autor constrói seu texto procurando enumerar suas minúcias climáticas e geográficas; tal como aparece no seguinte trecho:

Vingado um cômodo qualquer, postas em torno às vistas, perturba-as o mesmo cenário desolador: a vegetação agonizante, doente e informe, exausta, num espasmo doloroso (...) a luz crua dos dias longos flameja sobre a terra imóvel e não a anima. Reverberam as infiltrações de quartzo pelos cerros calcários (...) embuscado em minutos, o firmamento golpeia-se de relâmpago precipites, sucessivos, sarjando fundamente a imprimadura negra da tormenta (...) é uma mutação de apoteose. Os mulungus rotundos, à borda das cacimbas cheias, estadeiam a púrpura das flores vermelhas, sem esperar pelas folhas; as caraíbas e baraúnas altas refertos; ramalham, rressantes, os marizeiros esgalhados, á passagem das virações suaves; assomam, vivazes, amortecendo as truncaduras das quebradas, as quixabeiras de folhas pequeninas e frutos que lembram contas de ônix; mais virentes, adensam-se os icozeiros pelas várzeas, sob o ondular festivo das copas dos ouricuris: ondeiam, móveis, avivando a paisagem (CUNHA, 2009, p.77-79).

Interessa-nos, entretanto, para que se possa fazer uma contraposição ao *Facundo*, a descrição do espaço a partir da experiência, da percepção do mundo externo por meio dos estímulos sensoriais dos quais qualquer ser humano é dotado e pelos quais tem acesso ao meio no qual está inserido.

De acordo com Borges Filho (2009), a construção do ambiente literário é possível devido à percepção sensorial do (a) escritor (a) na reprodução do espaço em sua obra. Com o experimentar de novos estímulos visuais, sonoros, aromáticos, táteis e gustativos, torna-se possível reconstruir o espaço através da intuição proporcionada pela percepção sensorial. Com do aparelho sensorial humano, composto pelos cinco sentidos, pode-se, por outro lado perceber, captar e fundamentar o espaço que nos cerca e por outro lado, permitir que o leitor experimente e vivencie esse espaço por meio do acesso que a leitura lhe dá dessa experiência vivida pelo narrador. Isso se dá, pois nosso aparelho sensorial nos oferece uma percepção gradual do ambiente externo através de uma apresentação do mundo a partir da relação de distância/proximidade fornecida pelo uso de um dos nossos cinco sentidos: a visão, a audição, o olfato, o tato e o paladar.

Borges Filho (2009) ressalta que, com o primeiro sentido, a visão, pode-se compreender inicialmente a distância existente entre o sujeito e o objeto. No texto literário o personagem dotado desse sentido revive essa mesma relação, no entanto, inserido no espaço ficcional.

No que se refere ao segundo sentido, o autor ressalta que a audição, pode-se captar os aspectos sonoros em nossa volta, na ficção a narração nos oferece a reprodução de vários recursos sonoros, como, por exemplo, a menção ao choro, ao som de um canhão e a referência ao som de passos. Com o terceiro sentido, o olfato capta-se os odores dos objetos presentes no ambiente e no texto literário existe a reprodução do escritor dos mesmos odores que captamos diariamente. Com o quarto sentido, o tato, o sujeito obtém informações a respeito das características físicas do espaço e dos objetos, e é através do tato que o personagem identifica as qualidades, os volumes e os entornos das superfícies do espaço em sua volta. E por fim, com o quinto sentido, o paladar, capta-se as sensações gustativas de doce e amargo e todas suas nuances e no texto literário essas informações nos são retransmitidas.

Pode-se acrescentar a essa concepção de Borges Filho a concepção de Benjamin a respeito do narrador. Segundo Benjamin (1985), quando um ouvinte escuta uma estória, ele desfruta da companhia do narrador ao longo do relato, mesmo quando o ouvinte se transforma em leitor e a estória ou narrativa oral em leitura, a voz do narrador não desaparece de imediato, pois ela permanece junto com o ato solitário do leitor durante a leitura. A cada

página lida pelo leitor a voz do narrador ganha força no decorrer da narrativa romântica. O que ocasiona uma relação entre escritor-leitor, onde o segundo reconhece e legitima por meio da leitura a experiência sensorial gradual narrada do primeiro com esse novo ambiente.

Euclides, diferentemente do seu colega argentino, reconstrói o espaço físico através de suas novas percepções ocorrido no sertão brasileiro, durante sua estadia nessa região, para que o leitor também possa compartilhar delas através da leitura. Ao longo da obra *Os Sertões*, percebemos o registro detalhado de cada estímulo sensorial experimentado e por seguinte narrado por Euclides durante sua estadia de algumas semanas⁸ no sertão brasileiro, como correspondente de guerra para uma nação que até então desconhecia essa parte *incógnita* do próprio país.

O primeiro contato com o meio sertanejo dá-se, em primeiro plano, a partir da percepção visual do espaço: “então a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma estepe nua. Nesta, ao menos, o viajante tem o desafogo de um horizonte largo e a perspectivadas planuras francas.” (CUNHA, 2009, p.69), esse contato visual com o meio físico aumenta gradualmente conforme a intensidade desse estímulo sensorial: “a dureza dos elementos cresce (...) se enterroaram há muito os fundos das cacimbas, e os leitos endurecidos das ipueiras mostram (...) moldes, os rastros velhos das boiadas; (...)” (CUNHA, 2009, p.75). A visão potencializa a descrição do meio físico. O autor observa detalhadamente todas as peculiaridades da flora para que o leitor o acompanhe em sua contemplação visual: “os *mandacarus* (...) apuram-se tesos, triunfalmente, enquanto por toda a banda a flora se deprime (...) os *xiquexiques* (...) fracionado-se em ramos fervilhantes de espinhos (...) os *cabeças - de-frade*, deselegantes e monstruosos melocactos” (CUNHA, 2009, p.76).

Logo em seguida, o estímulo aumenta, uma vez que comparecem agora por meio da captação sensorial auditiva os diversos sons da fauna local por meio de uma superposição de adjetivos, verbos e onomatopéias: “(...) as seriemas de vozes lamentosas, e as sericoias vibrantes, cantam nos baledos (...) as notas de clarins estranhos (...) as pombas bravas que remigram, e rolam as turbas turbulentas das maritacas estridentes” (CUNHA, 2009, p. 83), assim como no registro dos mais diversos e peculiares sons que o meio pode oferecer, quando no registro de um estouro de uma boiada: “(...) estalando em lascas e gravetos; desbordam de repente as baixadas num marulho de chifres; estrepitam, britando e esfarelado as pedras (...);

⁸ Devido ao convite do proprietário do jornal *O Estado de São Paulo*, Euclides parte para o interior da Bahia: Em 4 de setembro deixa Queimadas, passando por Tanquinho, Cansação, Quirinquinquá, chagando a Monte Santo, deixando em seu diário de guerra notável descrição. Parte para Canudos, aí chegando a 16 de setembro. Com o material colhido, as observações diretas feitas sobre os tipos e os episódios da Campanha, principalmente referentes ao cerco final, escreve os apontamentos iniciais de *Os Sertões* (CUNHA, 2009, p.614).

rola surdamente pelos tabuleiros ruído soturno e longo de trovão longínquo”. Inclusive no relato das particularidades do trabalho do guardador de gado: “E prosseguem, em ordem, lentos, ao toar merencório da cantiga, que parece acalentá-los, embalando-os como refrão monótono: ‘E cou mansão... E cou... ê cão’!” (CUNHA, 2009, p.162).

Esse modo de compor a narrativa vai se enriquecendo na medida em que a percepção sensorial é estimulada por meio dos diferentes odores que a caatinga oferece, por exemplo, ao viajante desavisado em passagem pela suas estepes: “(...) tem, todas, sem executar uma única, no perfume suavíssimo das flores (...) que nas noites frias sobre elas se alevantam e se arqueiam (...)” (CUNHA, 2009, p.71) Euclides descreve assim os odores mais peculiares que a flora sertaneja pode oferecer ao olfato do viajante durante a época das chuvas, que ocorrem normalmente entre os meses de janeiro a abril e transformam sensivelmente a vegetação local sertaneja: “(...) as umburanas perfumam os ares, filtrando-os nas frondes enfolhadas e – dominando a revivescência geral- não já pela altura senão pelo gracioso do porte (...)” (CUNHA, 2009, p. 79).

O mesmo estímulo gradual se dá com relação ao contato físico direto com o meio: “(...) ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlança-o na trama espinescente e não o atrai, repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com gravetos estalados em lanças (...)” (CUNHA, 2009, p. 70), sobretudo, quando o meio físico torna o contato desagradável e difícil para o transeunte desabituaado com ambiente tão hostil e agressivo, distintamente das planícies amenas gauchas narradas no *Facundo*: “assim disposta, a árvore aparelha-se para reagir contra o regime bruto. Ajusta-se sobre os sertões o cautério das secas; esterilizam-se os ares urentes; (...) como um cilício dilacerador, a caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos...” (CUNHA, 2009, p.72), esse tipo de descrição veicula um incômodo a qualquer um transeunte que não esteja habituado com a flora caatinga sertaneja, uma vez que descreve por meio do tato o insuportável: “ Caem, presos pelos laços corredios dos quipás reptantes; ou estacam, pernas imobilizadas por fortíssimos tentáculos. Debatem-se desesperadamente até deixarem em pedaços as fardas, entre as garras felinas de acúleos recurvos das macambiras...” (CUNHA,2009,p.268).

Por último, aparece o derradeiro estímulo a ser experimentado por Euclides, o gustativo. O escritor exemplifica inúmeras vezes seus registros no livro, sobretudo ao permitir que o narrador saboreie as frutas nordestinas: “O umbu é para o infeliz matuto que ai vive o mesmo que a *mauritia* para os garaúnos dos *llanos*. Alimenta-o e mitiga-lhe a sede” (CUNHA, 2009, p. 80), “ a *quixaba* de frutos pequeninos , alimentam-no a fartar (...) as folhas dos juás- sustentam-lhe o cavalo” (CUNHA, 2009, p.271). Outra maneira de valer-se

da percepção do paladar se dá quando o narrador descreve para o leitor o que a natureza oferece para a sobrevivência do sertanejo: “No pino dos verões, um pé de macambira é para o matuto sequioso um copo d’água cristalina e pura (...) as juremas, prediletas dos caboclos (...) fornecendo-lhes, grátis, inestimável beberagem, que os revigora depois das caminhadas ” (CUNHA, 2009, p.73). Assim se passa como, os produtos da sua culinária diária do sertão imbuída do trato cultural dado à preparação dos alimentos: “ali estavam carnes secas ao sol; cuias cheias de paçoca, a farinha de guerra do sertanejo;aios repletos de ouricuris saborosos. A um canto os bogós transudantes, túmidos de água cristalina e fresca” (CUNHA, 2009, p. 355).

Todos esses novos estímulos oriundos do contato do sujeito com o real por meio da percepção não só instigam a criatividade do escritor e, portanto, o seu modo de construir o texto literário, mas também aguçam a percepção do leitor para um espaço diferente e para um modo de vida diferente do que está acostumado. O traço estético do texto de Euclides da Cunha revela o quão estimulado pela percepção de elementos externos o autor se sentiu ao se relacionar com o novo espaço e com esse novo ambiente, sobretudo, na intensidade e na forma como conduz a narração desse meio físico para que o leitor também desfrute virtualmente de todos os estímulos sensoriais experimentados por ele ao ler suas páginas.

A (re) construção do espaço literário em *Os Sertões* transmite uma pluralidade de sensações reais convertidas em imagens literárias sinestésicas e tencionam despertar no leitor sensações literárias diversas. Ele choca e fascina ao mesmo tempo, enquanto que no *Facundo*, a ambientação do espaço é criação intelectual, através de analogias e estudos sobre o espaço real que serve para o leitor compartilhe das mesmas convicções políticas de Sarmiento sobre a situação social de sua nação.

2. O CONTRASTE DISCURSIVO ENTRE AS DUAS VISÕES SOBRE O CAMPESINO: UMA INTELLECTUAL E OUTRA EMPÍRICA.

Depois de termos tratado da descrição do meio físico nas obras enfocando a necessidade de cada autor em delimitar o espaço físico, destacaremos outro ponto de similaridade/diferença entre os dois livros: a descrição do *camponês*.

A pesquisa comparada brasileira a respeito das obras já abordou o assunto. Segundo Zilly (2011), ambas as obras abordam a figura do habitante do campo e de sua respectiva sociedade campestre. No *Facundo*, apresenta-se o gaúcho argentino residente do pampa depois da independência argentina, enquanto nos *Sertões*, apresenta-se o sertanejo brasileiro morador da caatinga durante a Guerra de Canudos. Segundo o autor, em cada obra, a descrição do camponês representa uma maneira de expressar uma identidade nacional distinta, definida a partir de uma descrição elaborada por escritores citadinos, sem nenhum tipo de relação social com seu personagem e com o ambiente campestre.

A partir do que propõe Zilly, observamos que existe um distanciamento social entre os escritores urbanos e seu personagem rural, pois, nem Domingo Sarmiento, muito menos Euclides da Cunha podem ser considerados como habitantes de uma zona rural distanciada da realidade urbana, o que não os impediu de descrever esse cenário para uma sociedade urbana e letrada. Tal fato principalmente não os privou de criar uma definição do campesino como sujeito que expressa legitimamente uma nacionalidade particular. Um sujeito considerado para essa cultura letrada da qual ambos fazia parte, como o portador de uma identidade incivilizada e rústica para os padrões sociais da época, o que acarretou uma romantização dessa figura atípica.

Na perspectiva de Almeida (1999), a prosa regionalista brasileira do século XIX, em meados dos anos 60, substituiu o idealismo ficcional do personagem produzido pela imaginação do escritor pela representação um pouco mais aproximada do real, elaborado a partir da observação antecipada do escritor sobre essa realidade. O personagem torna-se mais límpido, contíguo e fidedigno do contexto real, pois todas as suas peripécias e particularidades estão minuciosamente relatadas a partir da observação detalhada do escritor. Este recurso

permite que o escritor caracterize e exponha todos os detalhes dos seus personagens para que o leitor projete em sua mente suas características descritas na obra.

De acordo com Ludmer (2006), na prosa regionalista argentina, o registro oral dos cantores populares foi largamente utilizado pela cultura letrada na Argentina para representar a legítima cultura ágrafa dos gaúchos. Dessa maneira, a cultura letrada se apropria do registro dos cantores para a criação de uma literatura gaúcha no universo da escrita.

A partir da temática de campesino proposto por Zilly e das contribuições literárias de Almeida e Ludmer procuraremos escrever como ocorre à representação do campesino em cada obra e investigar quais foram às possíveis circunstâncias que levaram os autores a esboçar essa representação do camponês como portador de uma identidade diferenciada e, principalmente, quais são as características singulares da figura do campesino para cada autor.

2.1 O campesino para Sarmiento

Na obra o *Facundo*, a apresentação preliminar da vida do gaúcho, diante das adversidades da vida no campo, é expressa no primeiro capítulo do livro eivada de certa admiração por parte do escritor argentino:

Esta insegurança da vida, que é habitual e permanente nas campanhas, imprime, a meu ver, no caráter argentino, certa resignação estoica para a morte violenta, que faz dela um dos percalços inseparáveis da vida, uma maneira de morrer como qualquer outra, e pode, talvez, explicar em parte, a indiferença com que dão e recebem a morte, sem deixar-nos que sobrevivem impressões profundas e duradoiras (...) a vida do campo, pois, desenvolve no gaúcho as faculdades físicas, sem nenhuma das da inteligência. Seu caráter moral reside de seu hábito de triunfar os obstáculos e poder da natureza; é forte, altivo, enérgico. Sem nenhuma instrução, sem necessitá-la tão pouco⁹ (SARMIENTO, 2007, p.40-56).

Um primeiro argumento que busca esclarecer o perfil do campesino é apresentado por Hozven (2008). Segundo o autor, Sarmiento assume categoricamente a posição de crítico da realidade social argentina da primeira metade do século XIX, durante seu exílio no Chile, devido a sua oposição partidária ao regime federalista de Rosas. De acordo com o pesquisador, a perspectiva de Sarmiento a respeito do atraso social e da estagnação econômica

⁹ “Esta inseguridad de la vida, que es habitual y permanente en las campañas, imprime, a mi parecer, en el carácter argentino, cierta resignación estoica para la muerte violenta, que hace de ella uno de los percances inseparables de la vida, una manera de morir como cualquiera otra, y puede, quizá, explicar en parte, la indiferencia con que dan y reciben la muerte, sin dejar en los que sobreviven, impresiones profundas y duraderas (...) La vida del campo, pues, ha desenvuelto en el gaucho las facultades físicas, sin ninguna de las de la inteligencia. Su carácter moral se resiente de su hábito de triunfar de los obstáculos y del poder de la naturaleza; es fuerte, altivo, enérgico. Sin instrucción, sin necesitarla tan poco” (SARMIENTO, 2007, p.40-56)

do camponês esta relacionada com o contexto social no qual está inserido. Para Sarmiento, o total distanciamento do camponês do contexto urbano, esse considerado pelo autor como civilizado e ordenado em contraposição ao pampa argentino onde não existe a noção de um estado organizado, constitui a causa de sua estagnação social.

Essa concepção de Hozven (2009), sobre a posição de Sarmiento enquanto escritor crítico preocupado com a realidade social do seu país, mas exilado dele por circunstâncias políticas, contribui para uma caracterização artificial ou intelectual do seu campesino, o gaúcho argentino. No *Facundo*, a apresentação do gaúcho argentino é marcada por seu distanciamento dos núcleos urbanos da época como habitante de um espaço ainda não civilizado. Porém, maior do que o distanciamento do gaúcho com o ambiente urbano é o distanciamento autêntico no qual se encontrava Sarmiento em relação a esse indivíduo campestre, devido ao seu exílio político. É justamente esse afastamento que faz com que o autor seja obrigado a esboçar o perfil do campesino a partir de categorias, de abstrações, de teorias e conceitos abstratos da realidade que encontra em livros teóricos, romances, documentos e relatos diversos.

Na tentativa de enquadrar e descrever toda uma população rural argentina completamente afastada ou separada dele, Sarmiento esboçou teoricamente quatro categorias de camponesas ou quatro tipos de gaúchos argentinos no *Facundo*, com o objetivo de abarcar artificialmente toda uma multidão de diferentes indivíduos totalmente distantes, e apresentá-los para leitores que também compartilhavam dessa mesma condição.

Na obra são, portanto, apresentados quatro modelos estanques, bem definidos e bem delimitados de gaúchos considerados como típicos do pampa argentino, cada qual com características singulares e idiossincrasias bem decisivas, totalmente distintas umas das outras. Essas categorias são apresentadas em uma sequência aleatória e separadamente umas das outras em conteúdo. O primeiro tipo de gaúcho apresentado na hierarquia de categorias, proposta por Sarmiento no *Facundo* é o rastreador:

O mais conspicuo de todos, o mais extraordinário, é o rastreador. Todos os gaúchos do interior são rastreadores. Nas planícies tão dilatadas, onde os sendeiros e caminhos se cruzam em todas as direções, e os campos em que passem ou transitam as bestas são abertos, é preciso saber seguir as pegadas de um animal e distingui-las de uma entre mil, conhecer se vai devagar ou ligeiro, solto ou puxado, carregado ou vazio. Esta é uma ciência caseira e popular. (...) a consciência do saber que possui lida certa dignidade reservada e misteriosa¹⁰ (SARMIENTO, 2007, p. 63).

¹⁰ “El más conspicuo de todos, el más extraordinario, es el rastreador. Todos los gauchos del interior son rastreadores. En llanuras tan dilatadas, en donde las sendas y caminos se cruzan en todas direcciones, y los

Logo depois, deste surge o baqueano, (topógrafo), o segundo tipo de gaúcho da hierarquia de categoria camponesa proposta por Sarmiento:

[...] depois do rastreador vem o baqueano, personagem eminente e que tem em suas mãos a sorte dos particulares e a das províncias. O baqueano é um gaúcho grave e reservado, que conhece cada palmo vinte léguas quadradas de planícies, bosques e montanhas. É o topógrafo mais completo, é o único mapa que leva um general para dirigir os movimentos de sua campanha. O baqueano vai sempre a seu lado¹¹ (SARMIENTO, 2007, p. 66).

Sarmiento se vale de generalizações da realidade quando afirmar que *todos os gaúchos são rastreadores*, ou quando afirmar, que *depois do rastreador vem o baqueano* e ignoradas particularidades reais de ambos os casos para definir o campesino. A generalização do gaúcho ocorre a partir de conceitos e ideias sobre as determinadas atividades braçais de cada um deles. Cada um desses dois tipos de gaúchos definidos e caracterizados não representa apenas profissões importantes, de utilidade social ou militar, mas a apreciação de Sarmiento a respeito desses indivíduos agrestes e solitários que sobrevivem a partir do seu trabalho específico e de seu conhecimento peculiar. Tanto o rastreador como o baqueano representam para Sarmiento modelos artificiais, exemplos teóricos de como se apresenta o homem campestre.

O procedimento de Sarmiento é, primeiramente, teorizar o tipo geral para depois decalcá-lo na realidade. Como um escritor que não conhecia diretamente um indivíduo e, sobretudo está totalmente distanciado do mesmo pode esboçá-lo em sua obra?

Sarmiento na qualidade de um estudioso distanciado da realidade na qual se inseria se vale do que já havia sido escrito a respeito do determinando objeto, compartilhando dos escritos do seu contemporâneo e amigo, o poeta Esteban Echeverría (1805-1851).

Segundo Sosnowski (2009), as principais obras do poeta e contista Echeverría *La cautiva*, em verso, e *El matadero*, em prosa, expressam a idealização poética e sua convicção política de Echeverría sobre o pampa, o gaúcho e a realidade social da Argentina do início do século XIX. Em *La cautiva* aparece a tendência de expressar a identidade argentina através de

campos en que pacen o transitan las bestias son abiertas, es preciso saber seguir las huellas de un animal y distinguirlas de entre mil, conocer si va despacio o ligero, suelto o tirado, cargado o de vacío. Esta es una ciencia casera y popular (...) la conciencia del saber que posee le da cierta dignidad reservada y misteriosa” (SARMIENTO, 2007, p. 63)

¹¹ “Después del rastreador viene el baqueano, personaje eminente y tiene en sus manos la suerte de los particulares y de las provincias. El baqueano es un gaucho grave y cuadradas de llanuras, bosques y montañas. Es el topógrafo más completo, es el único mapa que lleva un general para dirigir los movimientos de su campaña. El baqueano va siempre a su lado modesto y reservado” (SARMIENTO, 2007, p. 66)

versos, juntamente com o conto *El matadero*, obra na qual o autor expressa a indignação com o regime de Rosas, que também seriam compartilhadas com seu amigo e partidário, Sarmiento.

De acordo com essa idéia proposta por Sosnowski, podemos entender que graças, portanto, a uma bibliografia que lhe era acessível, Sarmiento pôde descrever abstratamente no laboratório de sua biblioteca alguns tipos gaúchos sem a prévia necessidade de conhecê-los em seu meio natural.

No entanto, os meios de que Sarmiento se vale para uma construção teórica do gaúcho argentino não se limitam somente a uma influência de Echeverría e/ou compartilhamento de idéias, mas, sobretudo, a uma paráfrase¹² de outros autores. Esse recurso já fora utilizado por outros autores para a construção de seus personagens.

Segundo Jácome (2009), os romances *O Último dos Moicanos* (1826) e *A Pradaria* (1827), de James Fenimore Cooper, retratam o conflito entre a cultura nativo americano com a colonização européia na Guerra dos Sete Anos entre Inglaterra e França, em território canadense, durante o século XVIII, demonstrando a falta de similaridade do aborígene com a civilização do colono europeu. Nos romances de Cooper a descrição dos bosques, pradarias, vilas e particularmente seus habitantes oferece ao leitor uma compreensão verossímil de sua realidade. Segundo o autor, a bibliografia de Cooper, serviu de base para diferentes autores americanos do início do século XIX, expressar seus personagens como representantes legítimos de uma nacionalidade particular. Entre esses autores se destacam Vicente Fidel López, José Maria Heredia e o próprio Sarmiento, no *Facundo*, Sarmiento cita a importância da contribuição de Cooper para sua obra servindo-lhe de inspiração.

A leitura da obra sarmientiana nos faz perceber, no entanto, que o que ele chama de tal inspiração é, na verdade, uma paráfrase da descrição da terceira categoria abstrata de gaúcho: *o gaúcho mal*

O gaúcho mal. Este é tipo de certas localidades (...) um misantropo particular. É o Olho do Falcão o Trampero de Cooper (...) com toda sua ciência do deserto, com toda a sua aversão às populações dos brancos (...) a justiça o persegue desde muitos anos seu nome é temido, pronunciado em voz baixa, mais sem ódio e quase com respeito. É um personagem misterioso; mora no pampa; (...) os poetas dos arredores agregam esta nova

¹² De acordo com Sant'Anna (2008), o recurso da paráfrase permite que um autor se aproxime ou reafirme do que já foi escrito anteriormente sobre determinado assunto, em outras palavras, a paráfrase é uma explicação de um termo qualquer que não se afastar, mas se aproxima de uma declaração geral. A paráfrase é um meio com o qual se pode legitimar sua afirmação através de uma(s) recapitulação(s) de outra(s) teoria(s) ou discurso(s) já expresso para concretizar sua afirmação.

façanha a biografia do herói do deserto (...) este homem divorciado com a sociedade, proscrito pelas leis; este selvagem de cor branca, (...) o gaúcho mal não é um bandido, não é um salteador (...) rouba, é certo, mas esta é sua profissão, seu tráfico, sua ciência. Rouba cavalos¹³ (SARMIENTO, 2007, p. 69-70).

Observamos aqui que Sarmiento, na tentativa de esboçar o conceito de gaúcho mal se vale da paráfrase dos personagens indígenas idealizados nas obras de Cooper, o que torna o tipo gaúcho mal um personagem próximo ao indígena retratado nessa literatura e não tipo marginal ou bandoleiro da sociedade argentina. O que demonstra que não há uma representação do banditismo social na obra, pois essa categoria de gaúcho não é enquadrada segundo essa perspectiva.

Em suma, no *Facundo*, o gaúcho mal representa uma versão argentina inspirada no personagem Natty Bunpoo de Cooper, como indivíduo afastado da sociedade urbana ou indiferente com tal sociedade, então como um indivíduo excluído ou muito menos tipo nocivo a essa sociedade, mas um tipo de semi-selvagem, espécie de entrave para qualquer organização social. O que também demonstra uma possibilidade de comparação que pode ser feita entre a obra de Sarmiento e a de Euclides, baseada em uma causalidade entre ambos os escritos, pois Sarmiento se baseia na leitura de Cooper para expressar se um ponto de vista semelhante na sua obra.

Esse tipo de gaúcho em particular, assume no livro um papel de destaque, exatamente no quinto capítulo, na biografia do quadrilheiro Juan Facundo Quiroga. A biografia de Juan Facundo é uma história à parte nas guerras civis. Sarmiento parafraseia Cooper para expressar sua apreciação sobre o comandante do exército camponês durante a guerra civil argentina, que contribuiu decisivamente para o estabelecimento do regime federalista na Argentina e que culmina com a derrota do partido unitário do qual Sarmiento fazia parte.

Para Sarmiento, o Facundo é a representação bárbara do campesino, semi-selvagem do argentino do campo, principalmente como sua índole e sua influência puderam ameaçar completamente a sociedade urbana politicamente organizada no século XIX. A esboçar a biografia do Facundo, Sarmiento o cita pensando na categoria de um anti-herói que

¹³ “Este es un tipo de ciertas localidades (...) un misántropo particular. Es el Ojo de Halcón, el Trampero de Cooper, con toda Del desierto, con toda su aversión a las poblaciones de los blancos (...) la justicia lo persigue desde muchos años, su nombre es temido, pronunciado en voz baja, pero sin odio, y casi con respeto. Es un personaje misterioso; mora en la pampa(...) los poetas de los alrededores agrega esta nueva hazaña a la biografía de héroe del desierto (...) este hombre divorciado con la sociedad, proscrito por las leyes; este salvaje de color blanco (...) El gaucho malo no es un bandido, no es un salteador(...)roba, es cierto; pero ésta es su profesión, su ciencia. Roba caballos” (SARMIENTO, 2007, p. 69-71).

incorporaria todas as características nocivas e bárbaras do campesino argentino. Por último, na tipologia proposta por Sarmiento, aparece o cantor:

Aqui tens a idealização da aquela vida de revolta de civilização, de barbárie e de perigos. O gaúcho cantor é o mesmo bardo, o vate, o trovador da Idade Média que se move na mesma cena, entre as lutas das cidades e do feudalismo dos campos, entre a vida que se vai e a vida que se cerca. O cantor anda de paragem em paragem (...) cantando seus heróis do pampa perseguidos pela justiça (...) o cantor está fazendo calorosamente o mesmo trabalho de crônica, costumes, história, biografia, que o bardo da Idade Média¹⁴ (SARMIENTO, 2007, p.70-71)

A função do cantor no *Facundo* não representa somente mais um tipo ou categoria de gaúcho, mas um tipo em especial, pois através dele e, sobretudo do seu registro oral, já notavelmente idealizado pelo conteúdo fantasioso das façanhas e aventuras dos gaúchos arrojados, Sarmiento pode esboçar uma idealização completa dos demais tipos abstratos de gaúcho sem necessariamente conhecê-los intimamente e a vários quilômetros de sua pátria.

A crítica a respeito do *Facundo* se pronuncia a propósito da figura do cantor. Segundo Borello (2008), o *Facundo* oferece uma noção sobre a função do poeta ou cantor popular, como transmissor e reproduzidor da cultura gaúcha, e, sobretudo o conteúdo genuíno de seus cantares e suas formas. O poeta do pampa é o portador de toda a cultura rural do pampa, que se formou alheia ao poeta urbano letrado.

Sarmiento projeta ou idealiza por sobre a figura do cantor gaúcho o contorno do bardo medieval, de um trovador de Idade Média. Ele não o concretiza a partir de observação de suas características particulares, mas decalca nele modelos oriundos de seus estudos e leituras uma vez que não que pode observá-lo ou compartilhar de seu estilo de vida.

2.2 O campesino para Euclides

Diferentemente do que ocorreu com o autor do *Facundo*, que escreveu sua obra durante o exílio no Chile, Euclides da Cunha permaneceu algumas semanas no sertão de Canudos, convivendo cotidianamente com os mesmos sertanejos que viria a descrever nos *Sertões*. Durante essa estadia, o escritor brasileiro teve a oportunidade de vivenciar a

¹⁴ “Aquí tenéis la idealización de aquella vida de revuelta de civilización, de barbarie y de peligros. El gaucho cantor es el mismo bardo, el vate, el trovador de la Edad Media que se mueve en la misma escena, entre las luchas de las ciudades y del feudalismo de los campos, entre la vida que se va y la vida que se acerca. El cantor anda de pago en pago (...) cantando sus héroes de la pampa perseguidos por la justicia (...) el cantor está haciendo candorosamente el mismo trabajo de crónica, costumbres, historia, biografía, que el bardo de la Edad Media” (SARMIENTO, 2007, p.70-71)

existência sertaneja e compartilhar, momentaneamente, as mesmas experiências de vida que o meio rural sertanejo oferece ao sertanejo diariamente.

Durante a leitura de ambas as obras são possíveis e bastante comuns encontrar semelhanças entre as duas descrições do campesino. Destacamos uma de cenas nos *Sertões*, onde Euclides compartilha a admiração de Sarmiento pelo campesino, que oferece uma similaridade com a surpresa de Sarmiento diante da resignação e austeridade do homem do campo, perante as intempéries e adversidades:

Mas o nosso sertanejo faz exceção à regra. A seca não o apavora. É um complemento à sua vida tormentosa, emoldurado-a em cenários tremendos. Enfrenta-a, estoico. Apesar das dolorosas tradições que conhece através de um sem-número de terríveis episódios, alimenta a todo o transe esperanças de uma resistência impossível (CUNHA, 2009, p.166).

Contudo, conforme aprofundarmos nossa leitura sobre as obras demonstrará que essa aparente semelhança se torna em uma visão diferenciada e particular, quando Euclides em sua condição de observador atento as particularidades do meio no qual está inserido as descreve empiricamente.

Desse modo, Euclides, a partir de sua respectiva ótica peculiar e minuciosa da realidade sertaneja, traceja um personagem¹⁵ sertanejo aprimorado ou modelado a partir do sertanejo real. Em outras palavras, Euclides, enquanto observador atento do cotidiano sertanejo procurou descrevê-lo nos *Sertões*, segundo sua percepção do sertanejo real. Dessa maneira, nos *Sertões*, não existem categorias camponesas parafraseadas de modelos literários de concepções teóricas ou filosóficas pré-determinadas ou generalizações destituídas de fundamento empírico. Pelo contrário, a partir do homem real tido como modelo. Dessa maneira, nos *Sertões* o que surge são algumas facetas perceptíveis do homem reais selecionadas e modeladas pelo escritor, porém a reprodução do sertanejo de Euclides não é uma simulação fiel e total do ser humano, mas algo aproximado do homem real.

Paralelamente ao *Facundo*, nos *Sertões* existem quatro nuances ou facetas literárias apresentadas sobre o sertanejo do final do século XIX: A primeira faceta literária representa o primeiro contato visual com o sertanejo real e é apresentada na obra como o sertanejo

¹⁵Segundo Brait (2006), o personagem do escrito ficcional existe e ocupa um espaço alheio à realidade humana, mas isso não indica que o personagem seja uma entidade divorciada com do real ou que não possa apresentar traço de semelhança com o leitor. Segundo o conceito aristotélico, o personagem pode ser uma imitação ou reflexo do ser humano, criado pelo poeta/escritor a partir de uma seleção ou escolha particular daquilo que o mundo real dispõe para a criação ficcional.

“Hércules-Quasimodo” (CUNHA, 1985, p. 179), ou seja, um personagem considerado nas próprias palavras de Euclides:

Antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto (CUNHA, 1985, p. 179).

Essa primeira descrição sobre o personagem demonstra sua ausência de beleza estética, mas em compensação mostra uma grande capacidade física e musculatura extraordinária. Isso indica o não uso de uma idealização, por parte de Euclides da Cunha, mas a combinação de elementos dissonantes, feiúra/força, para criar no leitor uma admiração desconcertante por um personagem transitório e emblemático, causada pela junção desses elementos não-tradicionais e obtida empiricamente por meio dessa experiência com o campesino. O estabelecimento de força física que detrimento de beleza é realizado pela observação cuidadosa do camponês. Euclides antepõe assim as “organizações atléticas” do sertanejo aos ideais estéticos de beleza, aleatório ao desengonçado e desgracioso do campesino real fruto dessa observação.

Borges (2000) defende que seja bastante comum o uso de elementos oscilatórios e antíteses nas páginas dos *Sertões*, pois mais que um traço peculiar da prosa euclidiana e uma maneira de esclarecer sobre as características peculiares do seu personagem, ou seja, através de isso Euclides procura demonstrar que a primeira impressão do leitor sobre o personagem pode conduzir a uma concepção apressada ou julgamento equivocado por parte do mesmo.

Valendo-nos desse argumento, podemos afirmar que essa impressa equivocada da qual afirma Borges, desaparece ineditamente, quando o observador entre em contato mais íntimo com seu objeto real, dando lugar à outra forma repentina:

Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se. Empertigam-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, (...) da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias (CUNHA, 1985, p. 180).

A segunda faceta apresentada por Euclides representa a percepção sobre a principal atividade econômica desempenhada pelo sertanejo: a de guardador de gado do sertão: “o

vaqueiro, (...) é impossível idear-se cavaleiro mais chucro e deselegante” (CUNHA, 1985, p. 180). Mesmo que essa atividade seja igualmente desenvolvida no pampa pelo gaúcho, Euclides descarta qualquer similaridade entre o vaqueiro representado nos *Sertões* e gaúcho do pampa, pois “o vaqueiro do Norte é sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos não há equipará-los” (CUNHA, 1985, p.181). O vaqueiro não representa o cavaleiro-rastreador da planície ou o bardo medieval sulista, ou muito menos, o ladrão de cavalos do pampa errante, que desfile em cavalo branco atrás de uma donzela em cada estância que percorre.

Nos *Sertões*, o autor ao tentar desmistificar qualquer semelhança. Faz-se uso desse processo de representação da realidade na caracterização do guardador de gado nordestino para diferenciá-lo ainda mais do campesino do pampa. Do qual próprio Euclides faz uma descrição momentânea da indumentária gaucha:

(...) as suas vestes são um traje de festa ante a vestimenta rústica do vaqueiro. As amplas bombachas, adrede talhadas para a movimentação fácil sobre os baguais, no galope fechado ou no corcovear raivoso, não se estragam em espinhos dilaceradores de caatingas. O seu poncho vistoso jamais fica perdido, embaraçado nos esgalhos das árvores garranchentas (...) o gaúcho andrajoso sobre um *pingo* bem aperado, está decente, está corretíssimo. Pode atravessar sem vexames os vilarejos em festa (CUNHA, 1985, p.181-182).

Em seguida, Euclides apresenta a figura contrativa do vaqueiro sertanejo, rivalizando com o bem afeiçoado gaúcho:

O vaqueiro, porém, criou-se em condições opostas, em uma intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis (...). O seu aspecto recorda, vagamente, à primeiro vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justo, cosido às pernas e subindo até às virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés(...) envolve ao combatente de uma batalha sem vitórias (CUNHA, 1985, p.182-183).

A representação estática esmiuçadora dos guardadores de gado representa um recurso específico no intuito de demonstrar o contraste entre esses dois tipos disparates de cavaleiros. Enquanto, o primeiro é representado como tipo alegre, galante e festivo, e, sobretudo, mais elegantemente trajado do que rusticamente, o outro, o vaqueiro assume uma oposição estética mais acentuada e diferenciada, consideravelmente mais crua do que seu companheiro sulista.

Euclides opta pela “descrição”¹⁶ e não pela “paráfrase” uma vez que essa permite a enumeração das características observáveis do objeto. Dessa maneira, pelo contato empírico de Euclides com o ser real determina como será sua representação do mesmo.

Com a terceira e quarta, facetas do personagem euclidiano abre-se uma nova postura de Euclides, marcada, sobretudo, pela sua condição de observador sensitivo e empírico que extravasa suas emoções pelo personagem na obra.

Respectivamente, com faceta do jagunço do sertão nordestino:

O jagunço é menos teatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro. Raro assume esta feição romanesca e gloriosa. Procura o adversário com o propósito firme de o destruir, seja como for. Está afeiçoado aos prélios obscuros e longos, sem expansões entusiásticas. A sua vida é uma conquista arduamente feita, em faina diuturna (CUNHA, 2009, p. 184).

E posteriormente, com a faceta do sertanejo religioso.

Quem vê a família sertaneja, ao cair da noite, ante o oratório tosco ou registo paupérrimo, à meia-luz das candeias de azeite, orando pelas almas dos mortos queridos, ou procurando alentos à vida tormentosa, encanta-se (...). A terra é o exílio insuportável, o morto um bem-aventurado sempre. O falecimento de uma criança é um dia de festa. Ressoam as violas na cabana dos pobres pais, jubilosos entre as lágrimas (CUNHA, 1985, p.200-201).

De acordo com Mello e Sousa (2009), Euclides, como observador emocionalmente envolvido, suscita ou desperta, frequentemente, uma admiração movida pela compaixão ou fascínio pelo seu personagem e/ou uma tensão de repulsa ou terror do mesmo, em determinados momentos nas obras. Essas duas emoções trágicas de compaixão e terror na concepção aristotélica representam uma tensão dramática entre sentimentos opostos.

Usando essa concepção de uma oscilação dramática simpatia/terror afirmada por Mello e Souza, afirmamos que essa qualidade particular em Euclides de “observador emocionado” com sua observação dos fatos e ambientes em sua volta, não seria viável nem legitimada sem nenhuma uma experiência empírica e direta do escritor com a realidade.

Consideramos que essa repulsa de Euclides à ferocidade ou brutalidade do jagunço e juntamente com a compaixão com a religiosidade sincera do sertanejo, não seria possível sem o contato empírico e real que em oscila entre o medo e a admiração, já que um conhecimento

¹⁶ De acordo com Lausberg (1967), o autor ou o artista quando descreve sua obra toma um grau de afeto pela mesma determinada pelo caráter ou um impulso afetivo totalmente emocional.

abstrato não estimularia esses sentimentos, mas uma descrição racional do objeto, como faz Sarmiento. Em Euclides, a expressão baseia-se em uma experiência emocional com o objeto.

Portanto, em cada obra nos oferece definições distintas sobre o indivíduo campestre, muito embora, dois modelos diferentes sobre o habitante do campo expõem duas abordagens uma racional e contemplativa baseada em paráfrases, em decalques literários e generalizações abstratas e em concepções literárias pré-determinadas, e outra empirista e pragmática, baseada em experiências reais vivenciadas com o homem real e na descrição ficcional emocionante e na descrição subjetiva.

3. O ANTAGONISMO CONFLITANTE: A CIVILIZAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE.

Por último, chegamos ao derradeiro aspecto de nossa análise comparativa, a oposição (in) conciliável entre a cidade e o campo representada nas obras de Domingo Sarmiento e Euclides da Cunha. Esse contraste decorreria da posição dos autores em afirmarem uma aversão entre as duas comunidades, que resultou em o conflito entre o meio urbano, considerado o portador do progresso da civilização ocidental, contra o meio rural, definido como arcaico ou atrasado em relação ao ambiente urbano.

Porém antes, de iniciar nossa análise comparativa do último aspecto do nosso eixo temático, procuraremos definir as seguintes dicotomias que serão trabalhadas neste capítulo: civilização *versus* barbárie e cidade *versus* campo.

Para compreender inicialmente os conceitos sobre a civilização e a barbárie e posteriormente sua oposição em torno dessas obras na cultura ocidental utilizaremos a obra *O processo civilizador*, de Norbert Elias. Segundo Elias (1994), a origem do termo ou do conceito de civilização surgiu nas sociedades ocidentais europeias durante o século XVIII, tal conceito expressa um julgamento de superioridade em relação às sociedades mais antigas ou aquelas contemporâneas consideradas “primitivas” ou atrasadas socialmente para os padrões europeus da época. Podem-se compreender, portanto, duas noções distintas sobre o termo “civilização” formadas na Europa no final do século XVIII.

Em um primeiro momento, para a filosofia francesa do século XVIII, a civilização define-se como um estágio histórico, entre a barbárie e a decadência, pelo qual passaria todas as sociedades aleatoriamente. De acordo, com essa perspectiva a civilização é definida como um processo de esclarecimento ou de racionalização progressiva gradual que elimina o que é considerado bárbaro ou irracional em todas as sociedades sejam elas ocidentais ou orientais, em outras palavras, o processo civilizador acontece de maneira não-planejada fruto de um de *entrelaçamento social* entre indivíduos que se adéquam ao autocontrole racional das paixões ao viver em uma sociedade coletiva, levando essa sociedade um progresso interno com um governo esclarecido, que combate os as infrações e arbitrariedades. O ocorre então é um

esclarecimento progressivo universal dos povos bárbaros e um refinamento das maneiras através da racionalização do sistema de governo que conduziria ao desaparecimento do todo caráter bárbaro do estágio anterior, tal conceito de civilização foi amplamente inicialmente na obra de Mirabeau, o pai, no século XVIII.

Em um segundo momento, para o pensador alemão a civilização caracteriza-se pelo contraste entre cultura e civilização, formulado primeiramente pelo filósofo alemão Kant no século XVIII, que afirmava que a moralidade dos costumes e a decência como partes da cultura, devem ser cultivados como elementos necessários para a aplicação do processo civilizador. De acordo, com o pensamento germânico a civilização seria resultado de um comportamento visível e autêntico a ser cultivado pela arte e pela a ciência, dessa maneira a barbárie seria a ausência de elementos morais autênticos a ser cultivados, negando qualquer princípio universal de cultura, como a vertente francesa afirma. Não constitui, portanto, para Kant, uma ideia de universalidade da civilização, pois ele está relacionado à cultura nacional de um povo ou então a uma nacionalidade autêntica, assim como não estabelece um princípio de racionalização dos costumes, mas de valorização de atitudes morais legítimas de um povo, independente da existência de um Estado.

Depois de explorar a definição do termo “civilização”, procuraremos expor como esse conceito pode ser aplicado no contraste entre o meio rural e o meio urbano. Para isso nos utilizaremos da compreensão teórica da obra *O campo e a cidade*, de Raymond Williams.

De acordo com Williams (1989), o contraste entre o campo e a cidade ocorre principalmente devido às diversas formas de generalizações históricas já cristalizadas na literatura sobre essas duas formas de comunidades, e, sobretudo devido ao conceito de uma (in) compatibilidade real e histórica entre ambas tão amplamente divulgadas pela literatura.

A representação do ambiente rural e urbano, desde sempre, está relacionados às convicções ideológicas distintas que se alternam sucessivamente ao longo da evolução histórica. Quando ora idealizava-se um ora depreciava-se outro. Diante disso, surgiam distintas classificações antagônicas entre cidade e campo entre as quais: bucólica *versus* antibucólica, sossegada *versus* barulhenta, inocente *versus* maculada, arcaica *versus* transformadora, conservadora *versus* inovadora, simples *versus* complexa e por fim, civilizada *versus* incivilizada.

Essa alternância de conceitos antagônicos se deve ao fato de que diante das transformações sociais que sofrem, simultaneamente, as relações de propriedade e as relações de trabalho nas sociedades ocidentais, surgem assim diferentes afirmações sobre o campo e a cidade que revelam: uma idealização de um passado distante considerado mais rico e virtuoso,

diante de uma inesperada crise de valores e/ou uma instabilidade econômica e, posteriormente, com uma apreciação ou uma supervalorização do presente, em que se julga ingenuamente o passado com padrões atuais, considerando como arcaico e tradicional. Isso ocorre devido a uma mudança ou decadência de um sistema econômico antigo em relação ao outro atual.

A partir dessas contribuições teóricas sobre os conceitos de Civilização de Elias e sobre a oposição da cidade *versus* campo de Williams, assim sobre os conceitos de civilização e barbárie entre o meio urbano e rural, procuraremos demonstrar como os autores se posicionam a respeito dessa duplicidade conceitual nas obras de Domingo Sarmiento e Euclides da Cunha.

Destacamos, ainda, a idealização abstrata do primeiro, ao definir sua concepção sobre a civilização em meio aos conflitos armados no pampa argentino, com a empiria realista do segundo, que averigua criticamente a concepção brasileira do século XIX sobre a civilização durante o conflito armado de Canudos no sertão baiano, em torno de uma perspectiva de similaridade/ diferença nas obras.

3.1 A civilização/ barbárie para Sarmiento no antagonismo pampa *versus* cidade.

A oposição partidária de Sarmiento ao regime federalista do ditador argentino Rosas durante o início do século XIX, e seu desterro político para o território chileno, devido a esse posicionamento partidário, contribuíram decisivamente para a construção de sua posição de crítico intelectual, uma vez que ele fora prejudicado na sociedade argentina durante o período federalista, juntamente com outros argentinos descontentes do partido unitário que fazia oposição o governo federalista argentino entre 1830 e 1852.

De acordo com a concepção de Shumway (2006), Domingo Sarmiento, durante seu exílio no Chile, entre 1840 a 1852, juntamente com seu amigo e poeta Esteban Echeverría (1805-1851) e outros colegas escritores e poetas rio-platenses formavam o grupo literário denominado *Geração de 1837*, considerado o principal expoente literário da Argentina da época. Esse grupo de poetas e escritores foi caracterizado pela sua paixão e pela propagação do idealismo romântico europeu e por sua oposição real ao regime de Manuel de Rosas.

Essa confraria literária formada por escritores dos dois lados do rio do Plata representava os expoentes literários de uma época onde à censura e a perseguição política eram práticas institucionalizadas pela política federalista de Juan Manuel de Rosas na

Argentina do século XIX. A *Geração de 37* formaria e os principais e mais ferrenhos opositores do regime de Rosas no século XIX.

Domingo Faustino Sarmiento, como membro mais engajado politicamente, expressou em seus escritos todo o seu objetivo político de oposição ao governo. E na obra *Facundo* não é diferente tal postura:

Facundo, provinciano, bárbaro, valente, audaz, foi substituído por Rosas, filho da culta Buenos Aires sem ser ele; por Rosas, falso, coração frio, espírito calculador, que faz o mal sem paixão e organiza lentamente o despotismo com toda a inteligência de um Maquiavel. Tirano sem rival hoje na terra (...). Sim, grande e muito grande é, para glória e vergonha de sua pátria¹⁷ (SARMIENTO, 2007, p. 25-26).

Com o objetivo central de desprestigiar o governo de Rosas, Sarmiento explora discursivamente a situação social da nação argentina à distância para agremiar partidários na oposição a Rosas. Deve-se, portanto considerar, razoavelmente, a posição de Sarmiento como crítico do federalismo argentino levando em conta sua oposição partidária real como escritor exilado.

De acordo com Sarlo (2007), não é possível ler o *Facundo* tomando como ponto de vista qualquer anacronismo histórico. Isso se dá pelo fato de o escritor não corresponder a algum antropólogo que investiga cientificamente o seu objeto de estudo ou muito menos de um sociólogo que analisa friamente o relativismo cultural do homem da época, mas, sobretudo de um intelectual letrado comprometido com uma causa política que considera fundamental para o desenvolvimento do seu país: a oposição ferrenha e sincera ao regime federalista de Rosas.

No texto de Sarmiento encontra-se um homem que se projeta como um candidato durante em pleito eleitoral e sua proposta política para sua nação, com todo um discurso político desprestigiando e criticando o regime argentino de sua época.

Por isso, com a contribuição de Sarlo, podemos que afirmar que qualquer juízo de valor de Sarmiento possa estabelecer sobre a realidade da Argentina da época não implica uma interpretação que não considere sua posição crítica atuante contra o governo argentino, assim como, sua condição de crítico político e racional distanciado da realidade.

¹⁷ “Facundo, provinciano, bárbaro, valiente, audaz, fue reemplazado por Rosas, hijo de la culta Buenos Aires sin serlo él; por Rosas, falso, corazón helado, espíritu calculador, que hace el mal sin pasión y organiza lentamente el despotismo con toda la inteligencia de un Maquiavelo. Tirano sin rival hoy en la tierra (...). Sí, grande y muy de grande es, para gloria y vergüenza de su patria” (SARMIENTO, 2007, p.25-26).

Nota-se, portanto um discurso partidário¹⁸ acentuado em Sarmiento que não tem compromisso com uma neutralidade política da pesquisa socióloga ou com uma indiferença partidária do trabalho antropológico, mas com uma causa em que está envolvido emocionalmente e na qual acredita firmemente: o governo de Juan Manuel Rosas é responsável pela barbárie na qual se encontra a Argentina e somente um governo baseado em princípios europeus pode levar o bem estar da civilização ao pampa.

Retomando ao conceito de Elias, a noção de civilização aparece como um estágio superior, baseado em uma racionalização do governo, dos costumes, dos hábitos através de um Estado Ilustrado, que controle os excessos individuais através de leis racionais e no esclarecimento universal do indivíduo que se leva uma consolidação interna, condição necessária para o progresso social e econômico. A glorificação do racional e, portanto, indiretamente do civilizado, representa no discurso de Sarmiento não só uma maneira de vencer discursivamente o regime federalista, mas, sobretudo um ideal político para qual projeta para seu país. É nesse contexto que se deve analisar a cidade como o principal/essencial foco de civilização segundo a concepção francesa iluminista:

O homem da cidade veste o traje europeu, vive da vida civilizada tal como a conhecemos em todas as partes; ali estão às leis, as idéias de progresso, os meios de instrução, alguma organização municipal, o governo regular¹⁹(SARMIENTO, 2007, p.49).

Em Sarmiento podemos considerar, portanto a cidade a única portadora do modelo de civilização pelo esclarecimento, onde os princípios de racionalização são produzidos e devem permanecer livres de qualquer forma de regime opressor que impedia um povo “de sair do seu isolamento; ali um governo que transportava a Europa à América²⁰” (SARMIENTO, 2007, p.132).

Segundo Fernandes (2007), o conceito de nação no *Facundo* aparece estruturado em uma organização do Estado racional ou esclarecido com leis que regulamentam o comportamento social e estimulam o progresso econômico do país, pois para Sarmiento isso

¹⁸ Segundo Lausberg (1967), o discurso partidário está relacionado ao interesse partidário, que oscila entre duas funções básicas o louvor e a censura, que acontece muitas vezes com prática ou ato processual de acusação e/ou defesa por parte do orador sensivelmente comprometido com uma causa, dotada com a intenção particular de cada orador em louvar em favor de outra causa ou em contra partida em censurar atacando outra causa.

¹⁹ “El hombre de la ciudad viste el traje europeo, vive de la vida civilizada tal como la conocemos en todas partes; allí están las leyes, las ideas de progreso, los medios de instrucción, alguna organización municipal, el gobierno regular” (SARMIENTO, 2007, p.49).

²⁰ De salir de su aislamiento; allí, un gobierno que transportaba la Europa a la América” (SARMIENTO, 2007, p.132).

era extremamente necessário para o desenvolvimento da Argentina em sua época. Podemos então perceber a influência que o Iluminismo exerceu sobre a produção do *Facundo*.

A influência européia em de Sarmiento pode ser notada no uso de várias citações de escritores e pensadores estrangeiros em vários capítulos da obra *Facundo*. Dentre as quais, apresenta inicialmente uma citação de Fortoul, do qual Sarmiento era um leitor: “Aos homens se degola; às idéias, não²¹” (SARMIENTO, 2007, p.24). Essa citação representa não só uma afirmação política para uma Argentina futura, sem o regime federalista e a ditadura de Rosas, mas o apreço de Sarmiento por civilização baseada no idealismo ou esclarecimento dos povos.

As demais menções estrangeiras aleatórias ou não estão presentes nos outros capítulos do *Facundo*, como por exemplo: Villemain (p. 25), Head (p. 39), Humbolt (p. 57), Victor Hugo (p.83), Chateaubriand (p. 131), Shakespeare (p. 149), Lherminier (p. 165) e outros autores e escritores europeus. Isso demonstra que para Sarmiento a civilização de caráter universal tem como polo irradiador a Europa, principalmente as concepções iluministas francesas acerca de um Estado esclarecido, governado por leis racionais que estimulem o progresso e o esclarecimento dos povos, portanto tais ideias seriam todos trazidos por pensadores estrangeiros e divulgados por escritores esclarecidos como o próprio Sarmiento e seus colegas da geração de 37.

3.2 O confronto entre as civilizações em Euclides e o confronto entre o litoral e o sertão. A divergência entre *Facundo* e *Os Sertões*.

A crítica comparada argentina já registrou uma comparação entre Sarmiento e Euclides, de acordo com a noção de civilização para cada autor e o antagonismo entre o meio urbano e meio rural.

De acordo com Rama (1998), Sarmiento definiu as cidades como centros civilizadores opondo-se aos campos onde se perpetua a barbárie. A única noção confiável de civilização seria a européia, de onde vêm os modelos a serem copiados pela nação argentina. Cabe então, as cidades argentinas civilizar o meio rural a partir de princípios culturais estrangeiros através do poder militar. Enquanto Euclides da Cunha, que pensava do mesmo modo que seu colega argentino, ao presenciar a toda brutalidade da Guerra de Canudos no sertão brasileiro começou a duvidar desse conceito e expressar sua indignação contra a forma de como esse processo civilizatório ocorreu no sertão brasileiro no final do século XIX.

²¹ “On ne tue point lês idéés, Fortoul”, tradução do próprio Sarmiento: “A los hombres se degüella; a las ideas, no” (SARMIENTO, 2007, p.24).

Utilizando essa perspectiva de Rama sobre a posição de Euclides procuraremos demonstrar que o escritor brasileiro não duvida do sentido ou do princípio da civilização, mas discorda quanto à preferência de Sarmiento em afirmar que existe uma opção entre a civilização e a barbárie para a sua nação argentina. Euclides, como observador crítico da realidade sertaneja, não projeta um ideal de civilização, mas analisa empiricamente os conceitos de civilização de sua nação, sem nenhum vínculo intelectual como nenhum grupo literário ou muito menos com grupo de ativismo político. Como esse o processo ocorreu singularmente na formação histórica brasileira da época, tomando por base de estudo o conflito armado de Canudos no interior do sertão baiano, em 1897.

Portanto, Euclides busca demonstrar através de sua observação e sua percepção privilegiada dos fatos que a transformação social brasileira não está relacionada a uma opção escolha política como para a argentina na concepção de Sarmiento, mas a como fato histórico para toda a nação brasileira. Euclides afirma categoricamente sem nenhum receio ou idealismo sobre o que seria o destino para o Brasil em pleno século XIX: “Estamos condenados à civilização. Ou progredimos ou desaparecemos. A afirmativa é segura” (CUNHA, 2007, p.104). Euclides ao afirmar essa máxima, em um tom realista e ao mesmo tempo pessimista, não se preocupa com uma suposta necessidade de civilizar os territórios agrestes e distantes considerados selvagens e incivilizados, como é o caso de Sarmiento.

Euclides opta pela pesquisa empírica, nesse caso a campanha de Canudos, para afirmar que o ideal de civilização esclarecida e racional não foi aceito de bom grado, como até então a sociedade brasileira da época acreditava com a esperança de usufruir um bem estar futuro trazido pela moderação, mas imposto pelo uso da força pelo governo, pela propaganda jornalística e pela ideologia das elites econômicas da época, durante a campanha de Canudos: “Entretanto enviamos-lhes o legislador Comblain; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador - a bala” (CUNHA, 2009,p.239).

O episódio de Canudos começa em 1896, com conflito armado iniciado entre o Estado republicano brasileiro e a comunidade rural do Monte Santo. Diante do fracasso das duas expedições estaduais organizadas pelo governo baiano, que tinha como objetivo reprimir o início de uma pequena revolta popular, insuflada pelo seu líder local Antonio Conselheiro, beato e chefe religioso da comunidade, o governo federal envia, no ano seguinte, uma terceira expedição regular com o efetivo de aproximadamente de 1300 soldados de linha para destruir Canudos.

As tropas sob o comando do coronel Moreira César, individuo que Euclides imortalizou ironicamente em sua obra com inúmeras criticas devido aos erros durante a

campanha: “De figura diminuta- um tórax desfibrado sobre pernas arcadas em parêntese-, era organicamente inapto para a carreira que abraçara” (CUNHA, 2007, p317). A expedição de Moreira César foi derrotada tendo o comandante perecido em batalha, logo depois, os soldados diante uma derrota inesperada, em fuga generalizada abandonaram pelas estradas armamento, munição, provisões, feridos, mortos e inclusive o cadáver do seu comandante.

Diante de tal fato humilhante, o governo envia uma nova força expedicionária com mais de 7000 homens com artilharia de grosso calibre, milhões de cartuchos de reserva e contingentes de soldados provenientes de diversos estados com o objetivo de vingar o exército, a república, recentemente criada, princípios progressistas e racionalistas, e destruir completamente Canudos, o que ocorre no final de setembro de 1897, diante de um massacre da população do arraial, onde, segundo Euclides, “ninguém deu quartel, assim como ninguém pediu” (EUCLIDES, 1985, p. 456).

Diante de tal clima patriótico tão alardeado por todo o país, Euclides representava uma figura impar no cenário, pois se questionava o propósito de tal campanha contra Canudos ou “a luta, digamos com mais acerto, uma monteria a homens, uma batida brutal em torno à ceva monstruosa de Canudos” (CUNHA, 2009, p.287).

Não está obvio para Euclides como está para Sarmiento que os mesmos princípios civilizatórios justifiquem uma guerra civil no interior onde grande parte da população se encontrava isolada ou *esquecida por três séculos* do resto país por sua região inóspita e pouco explorada, devido uma má compreensão da realidade social por uma *civilização de empréstimo*, localizada no litoral, baseada em princípios europeus tão necessários para a vida em sociedade, como legitimava Sarmiento. Porém, segundo Euclides:

Iludidos por uma civilização de empréstimo; respigando, em faina cega de copistas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade, (...) Vimos no agitador sertanejo, do qual a revolta era um aspecto da própria rebeldia contra a ordem natural, adversário sério, estrênuo paladino do extinto regime, capaz de derruir as instituições nascentes (CUNHA, 2009, p. 236- 237) grifo nosso.

Segundo Bolle (2004), nos *Sertões* existe a noção de uma nação dilacerada ou dividida pela oposição real entre o litoral, centro político e econômico, com uma desarmonia com o sertão, uma sociedade atrasada e retardatária, sem nenhum, portanto traço de unidade nacional, o que foi reforçado por uma luta fratricida em meio a um contexto social inexistente.

Se retornarmos à concepção de Williams, observaremos que a oposição real entre o meio urbano *versus* meio rural se da quando as relações e propriedades e de trabalho são

invertidas. É justamente isso que ocorre quando o progresso econômico trazido pela prematura industrialização nas cidades do litoral confronta com a economia latifundiária tradicional do sertão estagnada onde “o fazendeiro dos sertões vive no litoral. Longe dos dilatados domínios que nunca viu, às vezes (...) os vaqueiros são-lhes servos submissos” (CUNHA, 2009, p156).

Consideramos que Euclides, através do uso da sua percepção da realidade considera que esse isolamento do sertanejo contribui para a formação de características genuínas e benéficas em meio a uma sociedade de rudes vaqueiros e pequenos agricultores, considerados a *rocha viva da nossa nacionalidade* e isentos de elementos culturais estrangeiros, devido ao seu isolamento social, representado genuinamente, embora temporária a cultura nacional.

O abandono em que jazeram teve função benéfica. Libertou-os da adaptação penosíssima a um estágio social superior, e, simultaneamente evitou que descambassem as aberrações e vícios dos meios adiantados (...). Por isto mesmo que as vicissitudes históricas o libertaram (...). Das exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo (CUNHA, 2009, p.144).

Ao contrário de Sarmiento, que opta em projetar e idealizar um modelo de civilização, baseado em conceitos culturais europeus iluministas e tendo o meio urbano como centro do processo civilizatório, em contrapartida, o meio rural como local onde a barbárie se concentrava.

Euclides expõe que a barbárie foi levada ao meio rural através do processo civilizatório da República. Tal processo ocorreu no episódio de Canudos, contudo seus métodos e eficácia são questionados por de Euclides: “Era preciso que saíssem afinal da barbárie em que escandalizavam o nosso tempo, entrassem repentinamente pela civilização adentro, a pranchadas” (CUNHA, 2009, p. 282).

Euclides questionou-se na condição de jornalista que tomava contato com os efeitos do processo civilizador pela concepção francesa, quanto à legitimidade de um modelo de civilização baseado no esclarecimento que desconhece o interior de seu próprio país.

Ao acreditar que a originalidade do sertanejo oferecia uma alternativa a esse modelo iluminista francês, ele se aproxima da concepção alternativa alemã de civilização, definida por Elias, que se baseava na concepção de autenticidade dos elementos culturais que representam uma matriz da nacionalidade produzida no seio de uma nação ou *uma rocha de nossa nacionalidade*, como Euclides expressa.

Ao fazer isso, Euclides descarta quaisquer necessidades de se erigir a base da cultura sertaneja a partir de valores morais estrangeiros, embora reconheça que muito embora o

isolamento secular do sertanejo e sua resistência a elementos culturais externos sejam, de modo ambíguo, sua genuína nacionalidade, eles são também a causa de sua ruína durante a guerra, diante de um processo civilizador hegemônico, o que aconteceu não devido ao poder das idéias, mas pelo progresso industrial que o aparelhou:

Insulado no espaço e no tempo, o jagunço (...) só podia fazer o que o que fez-bater, bater terrivelmente a nacionalidade que (...) procurava levá-lo para os deslumbramentos da nossa idade dentro de um quadrado de baionetas, mostrando-lhe o brilho da civilização através do clarão de descargas (CUNHA, 2009, p.511) grifo nosso.

Um fator que diferencia decisivamente a projeção que os dois autores fazem para diferenciar a um está à barbárie é justamente que enquanto o instituto da degola. Para Sarmiento, qualquer ato de brutalidade por parte dos opressores representa um incentivo para a causa unitária, para propagar os ideais de civilização quem levam ao esclarecimento dos povos ao fim de atos de barbárie. Segundo Sarmiento, esses ideais que não podem ser suprimidos com a morte de seus propagadores, pelo contrário com o martírio dos mesmos, os ideais são enaltecidos e fortalecidos, ou seja, toda morte seria justificada por um ideal como uma marca indelével.

Em Euclides, esses mesmos ideais defendidos pelos atacantes de Canudos são ignorados, o que é totalmente justificado pelas ações das tropas do governo. Um exemplo disso ocorre quando no final da batalha, os soldados, com autorização ou com indiferença de seus superiores, degolam os prisioneiros de guerra depois de sua rendição, demonstrando que as mortes não representam uma legitimação de ideais civilizatórios, mas são exemplos marcantes para o total descrédito dos mesmos:

Agarravam-na pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, fracamente exposta à garganta, degolavam-na (...). Apesar de três séculos de atraso, os sertanejos não lhes levavam a palma no estadear idênticas barbaridades (CUNHA, 2009, p.557).

Em *Os Sertões*, o processo civilizador é visto como uma forma violenta de reprimir toda e qualquer forma alternativa de organização social diferente do sistema vigente. Isso mostra outra forma de civilização, baseada numa moralidade e aspectos culturais representará uma forma marginal de civilização em meio a um contexto social inexistente.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho aspirou comparar a visão de dois autores latino-americanos em suas respectivas obras *Facundo o Civilización e Barbárie en las pampas argentinas*, de Domingo Sarmiento e *Os Sertões: a campanha de Canudos*, de Euclides da Cunha em torno do seguinte eixo temático: a descrição do meio físico, a caracterização do campesino e a confrontação da civilização *versus* barbárie nas obras. Para isso nos valem da pesquisa temática alemã na literatura comparada. Comparar é estabelecer pontos de contato entre obras literárias distintas. Nesse sentido, a pesquisa comparativa ultrapassa fronteiras linguísticas com objetivo de aproximar duas ou mais obras literárias.

Ao trabalharmos como a pesquisa temática na literatura comparada nos confrontamos com a necessidade de um enfoque norteador que direcionasse a pesquisa em torno de uma hipótese, apresentam-nos o seguinte enfoque: a abstração imaginativa de Sarmiento confrontando com o empirismo sensorial de Euclides da Cunha ao descreverem a terra, o homem e a luta em suas obras. Fomos portanto conduzidos a comparar sem nenhum conceito pré-estabelecido que esboçasse uma crítica a integridade e/ou originalidade de uma obra, em favor da outra, em outras palavras, temos em mente que nenhuma crítica genética²² sobre a produção literária das obras ou uma explicação casual ou fatalista não proporcionaria uma aproximação concreta entre as duas visões que permita estabelecer pontos de similaridade/diferença entre *Facundo* e *Os Sertões*.

Vimos que na crítica comparativa argentina e brasileira as duas obras literárias já foram anteriormente abordadas por autoras e autores latino-americanos e estrangeiros, como por exemplo, Miriam Gárate, Bethorlde Zilly, Ángel Rama e Joasalba Santos, procuraram explorar literariamente as (inter) relações entre os textos de forma descritiva preservando a originalidade de cada um dos textos e, sobretudo, a perspectiva de cada autor em caracterizar cada objeto de estudo.

Procuramos demonstrar os pontos de semelhança e diferença entre as obras em torno do tríplice eixo temático apresentado anteriormente, mostrando que a condição particular de cada autor influi na preservação da originalidade de cada obra. O que demonstra que, independentemente de qual foi escrita primeiro, um autor não deve nada ao outro em termos

²² A vertente francesa da literatura se estrutura em explicações casuais ou genéticas que possibilitem uma relação de influência entre obras literárias.

de originalidade, pois as condições peculiares em que as obras foram escritas representam um papel fundamental em sua integridade.

5. REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **Tradição Regionalista no Romance Brasileiro**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- ALTO, Monte Romulo. El Facundo em la circunscripción teórica moderna de América Latina. In: **Anuario brasileño de estudios hispánicos**. Brasília: Embajada de España en Brasil. Consejo de Educación en Brasil, 1990, p.237-245.
- BARBIERI, Claudia, Arquitetura Literária: sobre a composição do espaço narrativo. IN: BORGES FILHO, Oziris; BARBOSA, Sidney (org). **Poéticas do espaço literário**. São Paulo: Claraluz. 2009, p.07-18.
- BENJAMIN, W. Horkheimer, ADORNO, T. Habermas, Jürgen. **Textos Escolhidos**. Trad. José lino Griinnwald. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 08-24.
- BOLLE, Wili. **Grandesertão. BR: o romance de formação**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- BORGES, Patrício Cardoso. A interpretação d Os sertões ontem e hoje. IN: NASCIMENTO, José Leonardo do (org), **Os sertões de Euclides: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 191- 204.
- BORGES FILHO, Oziris. Espaço, Percepção e literatura. IN: BORGES FILHO, Oziris; BARBOSA, Sidney (org). **Poéticas do espaço literário**. São Paulo: Claraluz. 2009, p.38-52.
- BORELLO, A. Rodolfo. La poesía gauchesca. IN: MADRIGAL, Luis Iñigo (coord). **Historia de la literatura hispanoamericana**, tomo II, Del Neoclasicismo al Modernismo .4 .ed. Madrid: Cátedra, 2008, p. 345-357.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006. Serie princípios 03.
- COUTINHO, Eduardo F. **Literatura comparada na América Latina: ensaios**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.
- CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- _____. **Os Sertões** (campanha de canudos). 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- _____. **Os Sertões** Ed. Crit. Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador I-II**; trad. RuyJungman; 2.ed v. 1-2-Rio de Janeiro: Jorge ZaharEd., 1994
- FERNÁNDEZ, Teodosio. **Literatura hispano-americana: sociedade y cultura**. Madrid: Akal, 1998, p.23-46
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins Especialidades geradoras da ambientação fantástica em *A invenção de Morel* IN: FILHO, Oziris Borges, BARBOSA, Sidney (org). **Poéticas do espaço literário**. São Paulo: Claraluz, 2009, p 63-74.
- GÁRATE. Miriam V. **Civilização e Barbárie nos Sertões: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha**. São Paulo: Fapesp, 2001.
- GÓMEZ-MARTÍNEZ, José Luis. Pensamiento hispano-americano del siglo XIX. IN: MADRIGAL, Luis Iñigo (coord).**Historia de la literatura hispanoamericana**, tomo II, Del Neoclasicismo al Modernismo .4 .ed. Madrid: Cátedra, 2008, p. 399-415.
- HOZVEN, Roberto. Domingo Faustino Sarmiento. IN: MADRIGAL, Luis Iñigo (coord).**Historia de la literatura hispanoamericana**, tomo II, Del Neoclasicismo al Modernismo .4 .ed. Madrid: Cátedra, 2008, p. 427-444.
- JÁCOME, Benito Varela. Evolución de la novela hispanoamericana en el XIX. IN: MADRIGAL, Luis Iñigo (coord).**Historia de la literatura hispanoamericana**, tomo II, Del Neoclasicismo al Modernismo .4 .ed. Madrid: Cátedra, 2008, p. 91-132.

- KUKUL, Lya Luft: uma ilha que emerge na noite IN: FILHO, Oziris Borges, BARBOSA, Sidney (org). **Poéticas do espaço literário**. São Paulo: Claraluz, 2009, p. 75-90.
- LAUSBERG, Heinrich, **Elementos de Retórica Literária**. Trad. Rosado Fernandes. 3. ed .Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkain, 1967.
- LIMA, Nísia Trindade, A sociologia desconcertante de *Os Sertões* IN: NASCIMENTO, José Leonardo do (org), **Os sertões de Euclides: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 73-97.
- LUDMER, Josefina. El género gauchesco. . IN: ECHEVARRÍA. Roberto González, PUPO-WALKER, Enriques (eds). **Historia de la literatura hispanoamericana** .Madrid: Editorial Gredos, 2006, p.615-629.
- MELO e SOUSA, Ronald de. **A geopoética de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: EDUERF, 2009.
- NASCIMENTO, José Leonardo d. O cosmo festivo a propósito de um fragmento de “A Terra”. IN: NASCIMENTO, José Leonardo do (org), **Os sertões de Euclides: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 173-189.
- OSS, Adrian C. Van, La América decimonónica. IN: MADRIGAL, Luis Iñigo (coord).**Historia de la literatura hispanoamericana**, tomo II, Del Neoclasicismo al Modernismo .4 .ed. Madrid: Cátedra, 2008, p. 11-50.
- RAMA, Ángel. **La ciudad letrada**. Montevideu: Arca, 1998, p.15-40.
- SAES, Sílvia Faustino de Assis, **Percepção e imaginação**. São Paulo: martinsfontes, 2010.
- SARLO, Beatriz. **Escritos sobre literatura argentina**. Bueno Aires: Siglo XXI, 2007.
- _____. **Una modernidad periférica**. Bueno Aires, 2003.
- SANT’ANNA, Alfonso Romano de, **Paródia, paráfrase & Cia**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007. Serie princípios 45
- SANTOS, Josalba Fabiana dos. Os Sertões e Facundo: Duplos. Disponível em: [HTTP://<www. Artnet. Com. br / Gramsci/arquivo156htm>](http://www.artnet.com.br/Gramsci/arquivo156htm) Acesso em 25 de agosto de 2011, p. 144-156.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo o Civilización e Barbarie en las pampas argentinas**. Buenos Aires: Booket, 2007.
- SHUMWAY, Nicolas. El Ensayo en la Sudamérica española: de 1800 hasta el Modernismo. IN: ECHEVARRÍA. Roberto González, PUPO-WALKER, Enriques (eds). **Historia de la literatura hispanoamericana** .Madrid: EDITORIAL GREDOS, 2006, p. 124-138.
- SOSNOWSKI, Saúl. Estebán Echeverría. IN: MADRIGAL, Luis Iñigo (coord).**Historia de la literatura hispanoamericana**, tomo II, Del Neoclasicismo al Modernismo .4 .ed. Madrid: Cátedra, 2008, p. 315-320.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2007. Serie Princípios 12.
- VILLA, Antonio Marco. O “Diário de uma expedição” e a construção de Os Sertões. IN: NASCIMENTO, José Leonardo do (org), **Os sertões de Euclides: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.p 11-39.
- WELLEK, René. A crise na literatura comparada, trad, Maria Rocha- Continho. IN: COUTINHO, F., CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.108-119.
- WILLIAMS, Ramondy. **O campo a cidade: na história da literatura**. Trad. Paulo Henriquis Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ZHIRMUNSKY, Victor M. trad. Rutb Percise. Sobre o estudo da literatura comparada. IN: COUTINHO, F., CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.199-214.

ZILLY, Bertholdy. *A barbárie: antítese ou elemento da civilização?* Do Facundo de Sarmiento a Os Sertões de Euclides da Cunha. Disponível em: [HTTP://< www. Artnet. Com. br / Gramsci/arquivo157htm>](http://www.artnet.com.br/Gramsci/arquivo157htm) Acesso em 18 de agosto de 2011, p112-128.

_____. Uma crítica precoce à “globalização” e uma epopéia da literatura universal: *Os Sertões* de Euclides da Cunha, cem anos depois. IN: NASCIMENTO, José Leonardo do (org), **Os sertões de Euclides**: releituras e diálogos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.p 63-72.